



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

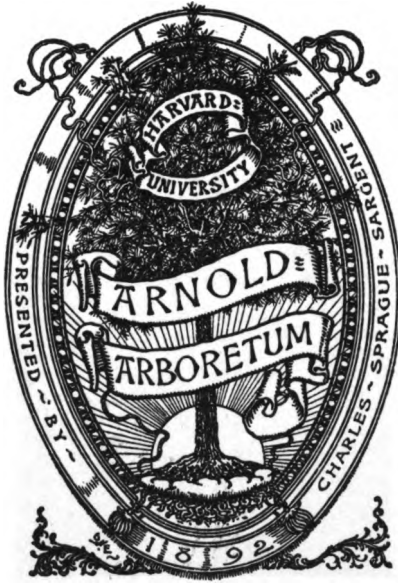
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



3 2044 107 257 610

P.L.

F44



#

FLORA
DOS
LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

32566

June 29, 1920

INTRODUCCÃO

No edificio vasto e complexo dos *Lusiadas* entram os mais variados materiaes. Luiz de Camões, sobre ser um grande poeta, foi um espirito de funda e fina cultura. O que se sabia em seu tempo, nas letras e nas sciencias, foub-o elle. E na contextura do monumento, que levantou á gloria da patria, fez entrar não só as inspirações da sua alma nobilissima, mas as noções que lhe ministravam uma pásmosa erudição, e uma instrução scientifica segura e completa. Não é um espirito concentrado e retraído que se possa estudar só na sua evolução interna; mas uma intelligencia aberta a todas as impressões, cuja historia é inseparavel da historia do seu tempo.

A vastidão da obra, a multiplicidade das noções que n'ella entram, a diversidade das noticias, a solidez dos conhecimentos, não se comprehendem na simples e rapida leitura, porque a admiravel fórma litteraria grupa todos effes elementos n'um todo de surprehendente unidade. Os materiaes estão tão finamente ajustados, tão graciosa e solidamente entretecidos, que o poema nos apparece

como uma criação espontanea do genio. Um exame detido, mostra-nos porém quantos e quão variados elementos estranhos o Poeta reuniu e engastou no seu primoroso lavor.

Em algumas obras de Camões, a sua filiação poetica é manifesta. A volta viva, animada, popular da phrase, os conceitos subteis, os trocadilhos e opposições graciosas, mas laboriosamente procuradas, os requintes de sentimento, accusam a influencia, aqui de Gil Vicente, ali de Bernardim Ribeiro, e em geral da geração anterior. É um resto da poesia cavalheiresca e popular da idade média. Das *ferranas* e *cantigas de amigo* dos velhos cancioneiros, passando por algumas bellas composições da compilação de Rezende, até ao grande poeta, pode seguir-se um fio de tradições não interrompidas. Em outras obras, e mui particularmente nos *Lusiadas*, a transformação é completa. A velha influencia portugueza e popular fica no dizer agudo e gracioso, mas o trato dos classicos, e sobretudo o genio maravilhoso do escriptor alargam a concepção, e dão ao estylo uma amplidão singular. A evolução que se passa no espirito de Camões assemelha-se á que se dava na pintura italiana, que da forma admiravelmente pura, e mysticamente ideal, mas um pouco convencional e mesquinha dos quattrocentistas, passava ao estylo largo, franco e robusto dos grandes mestres do seculo seguinte. Camões tem como Raphael diversas *maneiras*. Na plena evolução do seu genio poetico abandona a poesia mystica e escholastica dos seculos passados, e a mais recente invenção cavalheiresca, com a sua forma particular do maravilhoso. Põe de banda as ficções, um tanto grosseiras, das fadas e encantadores, e volta francamente ao mytho grego mais fino, mais culto e mais poetico. A sua erudição classica é assombrosa. A intrincada pleiada dos personagens mythologicos, e os mais fomenos successos da antiga historia aco-

dem-lhe á penna, com uma facilidade surprehendente. É bem um homem da renascença, um contemporaneo dos grandes espiritos que nas sciencias, nas letras e nas artes revolucionam o mundo velho. É semi-pagão, como quasi todos no seu seculo, a começar pelo papa Leão x. Algumas das suas paginas,—o retrato de Venus e a ilha dos Amores—parecem quadros dos seus illustres contemporaneos, Corregio e Ticiano. São as mesmas deusas e as mesmas nymphas. É o mesmo amor pagão da fórma correcta, da carnação fina e firme, da livre expansão da vida animal, da nudez robusta e sadia banhada de luz. Camões é grande pelos incomparaveis dotes do seu espirito; mas é grande tambem pela grandeza do seu tempo, e pela gloria do seu paiz que, chegada ao ponto culminante, ia dentro em breve decair. Não é possível sepearar a sua obra do grande movimento das intelligencias, que se passa fóra e dentro de Portugal.

A renascença transformara a arte e a litteratura, e renovara a sciencia. Mais lentamente porém, porque foi mais litteraria que scientifica. Mesmo a renascença scientifica foi no seu começo—seja-nos licita a expressão—puramente litteraria. As obras dos grandes naturalistas gregos, restituídas á Europa, em parte pelos trabalhos dos arabes, haviam fuscitado um grande enthusiasmo, no meio do qual parece esquecer a natureza, que as tinha inspirado. Aristoteles é o objecto de um culto fervente, ha quasi uma religião Aristotelica; mas os productos de que tratara não são estudados. Em volta de Dioscorides pullula uma legião de commentadores; mas as plantas do campo permanecem por examinar e comparar. Tomam-se de cór os aphorismos e os preceitos de Hippocrates e de Galeno; mas não se prescrutam symptomas nem se dissecam cadaveres. Interpretam-se as passagens obscuras de Ptolomeo; mas não se observam os astros, nem se descobrem novas terras. A humani-

dade, que acorda, hesita, quer reatar o fio quebrado da sciencia, e vae procural-o á grande fonte dos escriptores classicos. Estuda os livros, porque não comprehende ainda a natureza, como o pintor inexperiente copia o quadro do mestre, antes de se atrever a lançar na tēla os lineamentos do modelo vivo.

Correm porém os annos, e a sciencia começa a quebrar as peias da tradição; emancipa-se pouco a pouco da tutela classica. Observa, compara, e encontra terras que Strabão não enumerara, plantas que Diotcorides não descrevera, animaes que Plinio não conhecera. O grande movimento de navegações e descobrimentos, que Portugal enceta, contribue poderosamente para dirigir os espiritos n'este sentido. O velho mundo, apertado, alarga-se e rasga o circulo ficticio, em que o encerravam os mares, julgados innavegaveis. Raras peregrinações de intrepidos viajantes, haviam nos seculos anteriores lançado alguns raios de luz, tenues e fracos, na obscuridade que envolvia as longinquas terras. Mas as copias das relações d'essas viagens jaziam ignoradas nos archivos, ou eram desprezadas, por ficticias e mentirofas, como succedeu á de Marco Polo. Agora porém as viagens succedem-se sem interrupção, systematica e methodicamente continuadas; e dentro em pouco a imprensa espalha ao longe os seus resultados.

Portugal torna-se um centro scientifico importante. A escola de Sagres produz os seus fructos. Succedem-se os astrologos que pouco a pouco se vão convertendo em astrónomos. Portuguezes alguns, judeus e arabes os mais d'elles. É um resto de sciencia semitica, legado á península pela velha Cordova. Pelos fins do século xv, ou principios do seguinte, quasi todos os homens notaveis nas sciencias mathematicas e geographicas concorrem a Portugal, ou tomam serviço nas suas armadas. É Alvise Cadamosto, o minucioso observador das terras da

Guiné que vem alistar-se entre os capitães de D. Henrique. É Martinho Behaim, o discípulo dilecto de João de Monte Regio, o companheiro de Diogo Cão, o auctor do primeiro globo geographico, que se volve portuguez e morre em Portugal. É Christovão Colombo, o descobridor da America, a quem um seu amigo escreve de Italia, que já o julga esquecido da sua nacionalidade e tornado portuguez. É Americo Vespuccio, o que devia legar o seu nome ao Novo Mundo, que se incorpora nas armadas de D. Manuel. Outros seguem de longe e avidamente o movimento scientifico, que se passa nas praias occidentaes. O grande astrónomo Toscanelli está em correspondencia com Portugal. Pedro Martyr d'Anghiera pensa em vir estabelecer-se no occidente, só para estar mais proximo das maravilhosas noticias das novas terras. Ramusio e Jeronymo Fracastor recolhem cuidadosamente a relação da viagem de um piloto portuguez, que o primeiro dá á estampa.

A Europa, representada pelos homens que mais vivo rasto de luz deixaram na sciencia do seu tempo, vem tomar parte no grande comettimento das nações occidentaes, ou aguarda os seus resultados com ansiedade. Isto bastaria para attestar o cunho scientifico das navegações portuguezas, se o não tivessemos patente nas paginas dos nossos escriptores. E não são só os livros dos grandes especialistas, como Pedro Nunes, ou Garcia de Orta, que nos demonstram a cultura scientifica d'aquelle tempo. Effes não podem dar a medida da instrução geral. São os livros dos homens de letras, dos historiadores que, como João de Barros, se mostram versados nas sciencias phyficas e cosmographicas, e attentos observadores dos phenomenos naturaes. Os grandes capitães, os homens de acção são notavelmente instruidos. Dois heroes das guerras indianas, dos que mais pura memoria deixaram de si, dois valentes entre os valen-

tes, Duarte Pacheco e D. João de Castro foram dois homens de sciencia na mais larga, e mais genuina acceção da palavra. Attestam-o o *Esméraldo* e os *Roteiros*. Dos productos naturaes do Oriente dão-nos noticia o pobre Thomé Pires, que vae desgraçadamente morrer á China, e Duarte Barbosa, que morre em Zebu de modo ainda mais desgraçado, pois nem tem a consolação de perder a vida ao serviço do seu paiz.

É uma notavel época, esta da mocidade de Camões. Gil Vicente já não existe, mas vive na sua obra, em que passa um tão valente e tão alegre sopro popular, e na sua filha Paula Vicente, a mais sympathica figura de mulher da nossa historia litteraria. Bernardim Ribeiro ainda fica de pé, reliquia da poesia apaixonada e cavalheirosa da geração passada. Ao lado d'elle, representa a forma nova, Sá de Miranda, espirito mais culto que elevado, mas que, com o seu admiravel bom senso, supprime muitas vezes a mingua de genio. João de Barros, o inimitavel profador, está em todo o vigor do seu talento. Volta á patria Damião de Goes, o grande erudito, o mais europeu dos portuguezes de então. Parte para a India D. João de Castro, o illustrado auctor dos *Roteiros*, cuja fama se conserva pura ao contacto das riquezas orientaes, que já começam a manchar as glorias portuguezas. Para a India parte tambem Garcia de Orta, observador minucioso, com um espirito fino e sceptico de verdadeiro naturalista. Em Coimbra professa mathematica Pedro Nunes.

Tal era a atmosphera intellectual em que na patria vivia Camões, não fallando no movimento que então revolvía a Europa, e ao qual não permanece estranho. Não é por certo amesquinhar o seu illustre nome, rodeal-o d'estes nomes illustres tambem. É a boa sorte dos grandes espiritos, o serem muitas vezes a synthese de grandes épocas.

De feito os *Lusiadas* são, como a synthese da cultura accumulada em Portugal durante um seculo. A decadencia está proxima. A riqueza do Oriente vae pouco a pouco delindo os peitos lusitanos, que tão fortes e puros se haviam conservado nas duras e pobres terras da Africa septentrional. No entanto o grande poder de Portugal ainda está de pé. O seu esplendor ainda deflumbra, mas as vilezas da hora presente obrigam já as almas elevadas a refugiarem-se na contemplação das passadas glorias. É este o momento psychologico unico, em que uma intelligencia da tempera da de Luiz de Camões podia conceber o plano da epopéa nacional.

N'essa epopéa vae incluir não só os feitos heróicos dos seus antepassados, mas as noções scientificas que se haviam obtido em cem annos de descobrimentos. E com razão porque faziam parte da gloria da patria. A astronomia e a geographia, a zoologia e a botanica, não a aprenderam os nossos só nos livros, ou no trato dos sábios da Europa; mas nas navegações rudes e nas terras barbaras; perdendo-se em baixos não descriptos; arremelhados ás costas pelos erros dos instrumentos imperfeitos; comprando com o seu sangue os productos vegetaes, como ainda no tempo de Camões compravam o cravo. E esta sciencia do seu tempo, o poeta possuia-a toda. Não quero dizer que a conhecesse nos pequenos traços, que resolvesse um problema geometrico com a pericia de Pedro Nunes, ou classificasse uma droga com o seguro criterio de Garcia de Orta. Mas noções geraes, extensas e exactas possuia-as; e incluiu-as todas no seu livro. Indicou-as apenas, discretamente, com sobriedade, sem luxo de pesadas descrições, ou alarde de erudição, porque era primeiro que tudo poeta, e teve o mais seguro e mais fino sentimento litterario que jámais houve. Note-se por exemplo como elle caracterizou a vegetação, como na procedencia das especiarias orientaes os seus

traços são leves, fugitivos, mas tão rigorosamente exactos, que a moderna geographia botanica nada tem a reprehender-lhe.

E vem aqui a propósito dizer duas palavras de uma feição litteraria da sua obra. Tem-se notado, quanto são raras no poema as descripções da natureza tropical. Notaram-o alguns como defeito ou tacha; notou-o Humboldt, sem que por isso arguisse Camões. O sabio naturalista allemão tinha demasiado bom gosto para o fazer. Advirtiu-se, como explicação d'esta falta, que ao poeta repugnaria o emprego, nas suas descripções, dos nomes barbaros das plantas exoticas. Accrescentou-se, com razão, que devia evitar esses nomes, não tanto por serem barbaros, como por serem desconhecidos, e não representarem plantas familiares, cuja imagem nitida e clara se pintasse na mente do leitor.

Esta explicação é exacta, mas a meu vêr incompleta. A verdade é, que o sentimento intimo da natureza não o tiveram os grandes e viris artistas do seculo de Camões. Esse sentimento, houve-o em outras épocas; existe em alto grau nas almas modernas, debeis e sonhadoras, que se comprazem em contemplações um pouco morbidas, em longas descripções, na accumulção de traços subteis e minuciosos. Os artistas da renascença, robustos, inteiros, pouco complexos, não o conheceram; pelo menos os de raça latina. Na escola italiana, e n'aquellas a que mais directamente chegou a sua influencia, não ha quasi um paizagista. A representação da figura humana domina a arte. Domina-a nas fórmas puras de Raphael, nos atrevidos escorços de Michel Angelo, nas ricas carnações do Corregio e do Ticiano. No fundo dos seus quadros esses poderosos mestres lançam por vezes paizagens admiraveis; mas sacrificadas, subordinadas á figura do homem a que dão valor. Camões é d'esta raça, e a sua obra procede d'esta esthetica. O seu heroe, o perso-

nagem que se agita na tela collossal dos *Lusiadas* é o homem. O homem com as suas paixões e os seus affectos, com a sua altiva nobreza e as suas fraquezas vis, com a indomavel coragem dos peitos viris, e a suave doçura do coração feminino. Depois em traços rapidos esboça uma paizagem de que se destaca a figura, como Velasques lança uma planicie apenas indicada aos pés dos seus soberbos retratos. É por isso que as scenas, não só da natureza dos tropicos, mas da natureza em geral, são tão raras na obra de Camões. Mesmo a verde floresta da ilha dos Amores se povôa de nymphas, como n'um quadro do Albano. Pelo mar tem o poeta uma predilecção, que se explica n'um portuguez e n'um navegador. Ainda assim o interesse das suas scenas maritimas concentra-se nos marinheiros bocejantes e mal despertos, que se encoftam pelas antennas, ou se agrupam ouvindo os cafos de guerra de Velloso; e no mestre cuja rija voz domina o assobio do vento pela enxarcia miuda. Camões é da grande escola historica. Arguil-o por não fer um poeta descriptivo, feria uma critica tão injusta e sobre tudo tão pueril como arguir Michel Angelo por não fer paizagista.

Se o poeta, pela indole do seu espirito e influencia da escola a que pertence, e ainda pela natureza da sua obra, e fino tacto que o guiava, evita as longas descripções, e as pesadas differtações, espalha no entanto, com mão prodiga, os traços que o mostram versado na sciencia contemporanea.

Restringindo-nos rigorosamente aos que se referem ás sciencias historico-naturaes, e, n'estas, ao conhecimento do mundo vegetal, vemos que o interesse se concentra nas plantas, que constituem a sua flora real. Isto é n'aquellas, que menciona nos successos da sua narrativa, localisa em determinadas regiões, ou aponta como caracteristicas de paizes particulares. Todas estas plantas per-

tencem á *Flora Tropical*, salvo uma ou duas que de passagem cita em descrições da Europa. É mui rica, quasi completa esta flora tropical do poema. Poucas são as plantas, celebres pelos seus productos, que Camões deixa de mencionar.

É maravilhoso, na arte subtil das gradações, o modo porque prepara o leitor, para lhe fallar dos vegetaes exóticos, dos productos raros, das substancias mysteriosas d'essas afastadas terras do Oriente. Ao passo que, nas ficções poeticas, fingelamente nomeia as plantas da Europa, cujas designações bem conhecidas evocam no espirito de todos, imagens nitidas e familiares; agora vae pouco a pouco levantando um veio, fazendo presentir, adivinhar uma vegetação estranha e incognita.

O primeiro aspecto da natureza tropical, das hervas novas, da floresta virgem, não trilhada dos homens, apparece-nos na forma vaga, indistincta de um fonho—o de D. Manuel:

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
 O passo e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas adversarias,
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

Cant. iv, est. 70.

As phantasticas figuras dos rios da India veem orna-
 das de plantas exóticas:

D'ambos de dous a fonte coroada,
 Ramos não conhecidos, e hervas tinha:

iv, 72.

Depois, entrando nos successos reaes, dá-nos primeiro

pela bocca do mouro Monçaide uma rapida impressão das riquezas do Oriente:

Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverfo povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

VII, 31.

E quando o espirito está assim preparado entra francamente na enumeração das especiarias, ao descrever a partida de Calecut de Vasco da Gama:

Leva pimenta ardente que comprara:
A fecca flor de Banda, não ficou,
A noz, e o negro cravo que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceylão he rica illustre e bella.

IX, 14.

Remata o poema, pela esplendida descripção geographica do canto decimo, talvez o mais bello, e seguramente aquelle em que Camões mais accentuou a feição scientifica da sua obra. É de notar, que n'esse canto se não encontram descripções da natureza tropical, ou menções de plantas, tendo notaveis e bellas fórmas; mas unicamente uma relação de ricos productos e custosas especiarias. É uma indicação scientifica e um traço historico—um traço das nossas guerras indianas, que não podia escapar ao fino espirito do Poeta. De feito as glorias portuguezas andam ligadas ao trato das especiarias. A pimenta levou os nossos antepassados á India, e a canella levou-os a Ceylão. Pela posse do cravo de Maluco, sustentaram guerras, observaram eclipses, determinaram meridianos e debateram questões diplomaticas.

N'este caracter — seja-nos licita a expressão — puramente utilitario da sua flora, o Poeta ainda reproduz

exactamente as noções e o modo de ver do seu tempo. O ponto de vista puramente scientifico na observação dos seres da natureza é muito moderno. Os livros dos gregos—á parte talvez o de Theophrasto—não são obras de botanica, mas tratados de materia medica. Nos escriptos dos arabes, nos na idade média e nos da renascença conserva-se o mesmo caracter. Os vegetaes atraíam a attenção unicamente pelos productos que forneciam ao homem. Especiarias ardentes, perfumes sub-tis, madeiras preciosas, remedios poderosos, antidotos soberanos, é o que os navegadores procuravam e os naturalistas descreviam. Garcia de Orta e Christovão da Costa, com serem especialistas, não tratam em geral das plantas, mas exclusivamente dos simples e drogas.

Camões, collocado n'este campo, tem das produções do Oriente um conhecimento completo e segurissimo. Onde o havia obtido? Em grande parte decerto nas observações directas que pôde fazer em suas longas viagens: na estada em Goa: na expedição ao estreito e ás ilhas alagadas do rei da Pimenta: na longa assistencia em Macau: na navegação a Malaca e ás Molucas: na ultima e tão triste demora em Moçambique. Em parte o obteve pela leitura de Barros, como se torna patente da comparação do poema, com o livro do bem informado historiador. Seguramente se instruiu tambem na conversação do velho Garcia de Orta. É possível que Camões, sendo ainda creança, tivesse conhecido em Coimbra aquelle illustre medico; o certo é, que na India renovou ou travou com elle relações de boa amizade e intimo trato. É o que se vê da ode que dirigiu ao conde de Redondo, então vice-rei da India, por occasião de se imprimirem em Goa os *Colloquios*.

Com quanto eu fuja ás longas citações de versos bem conhecidos, vem esta ode tão de molde ao assumpto, que não posso deixar de a transcrever na integra:

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ousadia,
Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez anos
Flagello foi dos miseros Troianos;

Não menos ensinado
Foi nas hervas e Medica policia,
Que destro e costumado
No fôberbo exercicio da Milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar poderão.

E não se desprezou
Aquelle fero e indomito mancebo,
Das Artes qu'ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.

Taes Artes aprendeo
Do semiviro Mestre e docto velho,
Onde tanto crefceo
Em virtude, e em sciencia e em conselho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só delle pôde ser depois curado.

Pois vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do Ceo dado
Para fazer presente
D'altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos ascendentes a honra e gloria:

Postoque o penfamento
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co'o sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo nosso;
Que qualquer d'elles teme o nome vosso:

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles estimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em vosso tempo rebentou
O fructo d'aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em vossos anos
Huma Orta produzê varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medéa e Circe, nunca conhecêrão,
Postoque a lei da Magica excedêrão,

E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia
Hum velho, qu'ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre

O qual está pedindo
Vosso favor e amparo ao grão volume,
Qu'impresso á luz fahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;
E descobrir-nos ha segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.

Affi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E fereis semelhante ao Grego forte.

É sympathica esta intervenção do Poeta que, em todo o vigor da idade e do genio, empenha o seu valimento, para que se deem á estampa, e se tornem conhecidas do mundo scientifico as obras d'aquelle velho, que era um dos primeiros naturalistas do seu tempo. Afigura-se-nos

que Camões, aborrecido ás vezes da companhia um pouco frivola dos jovens fidalgos, e não tendo entre mãos aventura ou desafio que o distraísse, procuraria a companhia do respeitavel medico, e escutaria as palestras, talvez prolixas, d'aquelle espirito fino, que era tambem um grande erudito; que conhecia a fundo os gregos e os arabes, e os seus numerosos commentadores. Da bocca do experimentado homem de sciencia, receberia o poeta curiosa e boa lição sobre as *novas hervas* que Medéa e Circe não conheceram, e os *segredos certos* que aos antigos haviam sido *encobertos*. São estas copiosas noções, assim obtidas, e empregadas depois com inimitavel descripção, que nós encontramos espalhadas pelo poema, e examinaremos detidamente sob a epigraphie de *Flora Tropical*.

Antes porém, será necessario estudar uma diversa feição esthetica da grande obra de Camões, indagando quaes os aspectos da natureza em que procurou comparações, quaes as plantas que lhe serviram nos *similes* e ficções poeticas. Os vegetaes da patria que viviam na sua memoria faudosa, os diversos typos que vira nas suas dilatadas viagens, e os que encontrara descriptos nas suas vastas leituras, de antigos e modernos escriptores, forneciam-lhe variados elementos. Como aproveitou esses elementos, em que proporções os empregou na urdidura poetico-botanica da sua obra? É o que cumpre investigar. A descripção da ilha, chamada dos Amores, entra naturalmente n'esta secção: como porém a importancia d'este episodio é grande, e n'elle se incluye a mais longa, ou antes, a unica pintura longa da natureza vegetal, que nos depara o poema, convirá examinal-o á parte.

Distribue-se pois este trabalho naturalmente em tres distinctas secções, sob as epigraphes: *Flora Poetica*, *Ilha dos Amores*, *Flora Tropical*.

I

FLORA POETICA

Camões procura algumas vezes no reino vegetal comparações e figuras, sem que no entanto se refira a plantas determinadas.

Por exemplo na passagem em que, descrevendo o tumulto levantado no conselho dos deuses, diz:

Qual Austro fero, ou Boreas na espedura,
De sylvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a ferra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo confagrado.

i, 35.

Semelhante aspecto da natureza pinta também, falando da tempestade que assolou as naus de Vasco da Gama antes de chegarem á India:

Quantas arvores velhas arrancaram
 Do vento bravo as furias indignadas!
 As forçofas raizes não cuidaram
 Que nunca para o ceo fossem viradas;
 VI, 79.

Muito indirectamente diz respeito ao reino vegetal um traço da narração da batalha de Ourique:

Bem como, quando a flamma, que ateadada
 Foi nos aridos campos (affoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co'o vento, o fecco mato vae queimando:
 III, 49.

O Poeta de certo se recordou, n'esta descripção, das queimadas, que havia visto nas charnecas da Beira e do Alemtejo, ou talvez nos campos de Ceuta e de Tetoão, onde arabes e kabyllas ufam muito fazel-as.

A uma ordem de idéas e de sensações, absolutamente diversa, pertencem as comparações ou imagens seguintes. As *hervinhas* a que Ignez de Castro, tão graciosamente ensinava o nome querido, e os admiraveis versos que a pintam morta:

Affi como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
 III, 134.

ou este traço da descripção de uma noite ferena:

As estrellas os ceos acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas.
 I, 58.

Seria inutil e impertinente querer dar relevo, em um frio commentario, ás bellezas contidas n'estes versos, e patentes aos olhos de todos. Notemos apenas, com quantta sobriedade Camões se referiu aos aspectos geraes da vegetação, e como as descripções citadas, sobre serem raras, são curtas e condensadas.

Não são muito mais frequentes os versos em que mencionou plantas especiaes; quer procurasse na sua fórma comparações e imagens, quer as citasse como reminiscencias classicas, ou as fizesse entrar na sua narração.

Vejamos primeiro como compõe as coroas ou capellas, que ornarn os seus personagens. A planta mais vezes empregada é a palmeira. Se bem a *Phœnix dactylifera* L. seja oriunda da Africa, foi muito conhecida na região mediterranea d'esde os tempos mais remotos, e na península adquiriu, depois da conquista dos arabes, fóros de grande naturalisação. Demais as expressões *palma da victoria*, ou do *martyrio*, já não são figuras, senão locuções correntes. A palma é o symbolo do triumpho, como diz o Poeta:

..... trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.
II, 93.

Citarei apenas, entre muitas passagens, onde a menciona, as duas seguintes:

A Dom Matheus, o bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa.
VIII, 24.

e quando, referindo-se a D. Affonso de Albuquerque, diz:

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!

x, 42.

Uma ou outra vez, affocia á palma o louro,—o clas-
fico e poetico *Laurus nobilis* L.—, por exemplo, quando
falla de D. Affonso v:

Na frente a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro,.....

iv, 55.

E na tão fentida estancia, em que se queixa da ingra-
tidão dos seus conterraneos, pede modestamente para
si uma capella de louro:

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus verões me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

vii, 81.

Nas coroas academicas, conquistadas em Coimbra, en-
tra um novo elemento:

Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

iii, 97.

O baccharo é uma planta da região mediterranea, o

Gnaphalium sanguineum L. Camões porém, que provavelmente não conhecia a planta, cita-a como reminiscência clássica. De feito o baccharo era usualmente empregado pelos Romanos na formação das capellas. Plínio descrevendo as regras severas que presidiam á composição das coroas, e ao direito de as trazer, menciona em um dos primeiros logares o *bacchar*¹.

Não podem esquecer as grinaldas com que Venus mandou ornar, ou armar as nymphas, para mais seguramente feduzirem os ventos e abrandarem a sua furia:

Em quanto manda as nymphas amorosas,
Grinaldas nas cabeças pôr de rofas.
vi, 86.

De que especie de *Rosa* se trata aqui? Decerto que em tal não pensou Camões. Admittamos, sem ociosas investigações, que é da *Rosa centifolia* L., especie cultivada desde tempos remotos, e que parece ter sido cantada já por Homero e Theocrito.

Examinaremos agora o pequeno numero de comparações ou figuras buscadas no reino vegetal. Em algumas passagens, a menção da planta vem como incidente, por exemplo:

Qual o touro ciofo, que se enfaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
x. 34.

Á figura procurada no animal furioso, junta-se occasionalmente a citação de duas arvores de grossos e ro-

¹ Cf. Plinio. *Hist. nat.* xxi, 16. ii, pag. 46, ed. Littré.

bustos troncos, que devem ser a especie *Quercus robur* L., e a *Populus alba* L., a que vulgarmente se chama *faia*; apesar de que Camões, em outra parte a cita pelo nome de *alemo*, tambem vulgar.

Nas bem conhecidas estancias do começo do canto nono, o Poeta, queixando-se dos que não deixam penetrar a verdade nos paços reaes, refere-se a um processo de cultura do *Triticum vulgare*:

Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

IX, 27.

De indole mais branda e suave são as citações que temos a fazer. Uma comparação de Venus com a rosa:

..... E n'isto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:

II, 41.

e outro traço bem conhecido da sua descripção:

Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

II, 36.

É tão graciosamente atrevida esta imagem, que muito contra vontade d'ella fallo, na fria linguagem scientifica, dizendo que a *Hedera Helix* L. é planta vulgarissima e conhecida de todos os antigos poetas.

Mais delicadamente ainda se deve fallar dos lirios roxos, dos delicados *Iris*, da estancia seguinte:

Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veio, dos roxos lirios pouco avaro:

II, 37.

A par d'estas, encontramos algumas plantas, que o Camões menciona como simples reminiscencia classica e mythologica. Assim no palacio submarino, onde estão representados os elementos, e entre elles a terra:

Estava a Terra em montes revestida
De verd'es hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Ás alimarias n'ella produzidas.

VI, 12.

está tambem figurado o famoso certame de Neptuno em que os homens:

Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

VI, 13.

A oliveira, a vulgar *Olea Europæa* L., com ser planta tão portugueza, só vem mencionada n'este verso; e aqui entra como um ornato proprio do palacio de Neptuno, o qual generosamente não duvidava recordar a contenda, em que, segundo a opinião geral, fôra vencido. Refere-se pois o nosso Poeta ao dom de Minerva,

∴.... oleae que Minerva

Inventrix:

Virg. Georg. I.

que creara esse famoso pé, o qual ainda no tempo de Plinio se dizia existir. *Athenis quoque olea durare traditur in certamine edita à Minerva*¹.

¹ Cf. Plinio. *Hist. nat.* xvi, 89. I. pag. 605.

Affim tambem quando Camões, a proposito das conquistas de Affonso v no norte da Africa, diz:

Este pode colher as macãs de ouro,
Que fomite o Tyrinthio colher pode:
iv, 55.

refere-se aos pomos roubados por Hercules, como conta Ovidio:

Pomaque ab infomni non custodita Dracone.
Metam. ix.

ou obtidos do velho Atlas, como mais detidamente relata Pherecydes. O jardim das Hesperides foi quasi sempre collocado n'esse extremo norte da Africa, que os portuguezes subjugaram. Podemos notar de passagem, que, se o fundo da tradição se refere a alguma planta real, não deve ser, como geralmente se julga, á laranjeira, pois esta arvore é oriunda de regiões muito afastadas.

Reminiscencia mythologica é ainda uma referencia á bem conhecida aventura do pescador Glauco:

O Deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe,.....
vi, 24.

e igualmente a descripção da barba de Tritão, feita de limos *prenhes de agua*, que lembra a *rorantia barba* de Ovidio: o thyrsó frondente de Baccho duas vezes citado: e ainda o corno de Amalthea, envolvido na enredada menção da primavera dos seguintes versos:

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;

Quando um e o outro corno lhe aqueitava;
E Flora derramava o de Amalthea.

II, 72.

Vem aqui a propozito mencionar os traços, mythologicos na fôrma mas reaes na effencia, com que o Poeta esboça rapidamente, porém com mão segura, algumas feições da natureza de Portugal.

O primeiro caracteriza a provincia do Alemtejo, já então conhecida pela abundante producção do trigo:

E vós tãobem, ó terras Transfaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres.

III, 62.

O segundo define a época, em que foi pelejada a batalha de Aljubarrota, pelo fim do verão, quando se recolhem os fructos do trigo, e os da vinha:

Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o fol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

IV, 27.

Em refumo, a flora poetica reduz-se a muito pouco. Onze plantas dos generos *Phoenix*, *Laurus*, *Gnaphalium*, *Rosa*, *Quercus*, *Populus*, *Triticum*, *Hedera*, *Iris*, *Olea* e *Vitis*, são as que encontramos mencionadas, de modo que as possamos identificar com segurança.

O primeiro reparo que se offerece fazer, é sobre a vulgaridade d'estas plantas. São todas indigenas de Portugal, ou ahi cultivadas com frequencia. O Poeta não buscou uma unica comparação na flora oriental. Não que a desconhecesse, como depois veremos. Sem admitirmos que havia examinado meudamente a vegetação

da India e da China, é de crer, no entanto, que as grandes folhas das *Mufas*, os elegantes caules dos *Cocos*, e das *Arecas*, as vastas copas dos *Ficus*, houvessem atraído a sua atenção. Mas de industria só se serve, nas suas figuras, de plantas que sendo-lhe familiares, sejam também familiares aos seus leitores. Quer pintar com essas imagens, e pinta com o nome da *rosa*, do *carvalho* e do *lirio*, que suscitam na mente do leitor a representação viva de uma planta conhecida. Não sei se n'esta escolha teve sempre pleno conhecimento do que fazia, ou se o serviu um tacto inconsciente, uma especie de instincto litterario, que mais seguramente guia os grandes escriptores, do que as regras longamente pensadas, e logicamente deduzidas.

Admittindo porém, que deliberadamente restringisse as suas citações ás plantas vulgares, é de notar que mesmo n'este campo, ainda largo, se serviu do reino vegetal com muita parcimonia. Ainda aqui não ha ignorancia ou pouca atenção prestada ás flores e plantas da patria. Nas *Rimas* as menções e descripções de flores abundam¹. Ha particularmente na *Elegia* vii um curioso e completo quadro da flora, que podemos chamar classica portugueza. A vegetação dos antigos jardins, as flores populares com as suas significações tradicionaes, que ainda encontramos em alguns quintaes de provincia, não invadidos pelas modernas introduções da horticultura, vem ahi descriptas mui fielmente.

Se pois não as fez entrar mais largamente nos *Lufiadas*, foi porque a indole pouco descriptiva do seu espi-

¹ Penfei a principio em fazer a Flora geral de Camões. Julguei depois que o exame das *Rimas*, tiraria a unidade ao presente ensaio. Talvez mais tarde, em trabalho especial que sirva de appendice a este, estude as restantes poesias.

rito e da sua escola, e sobre isso, a natureza heroica da sua obra lh'o vedavam. Da sobriedade com que usa d'effeitos poeticos, resulta em parte o seu effeito. As notas sentidas ou alegres da narrativa da morte de D. Ignez Castro, e do retrato de Venus, destacam-se do tom elevado e fevero da obra, com tanto mais brilho, quanto são mais raras.

II

A ILHA DOS AMORES

Tem sido muito controvertida, e nem sempre com felicidade, a situação geographica da famosa ilha. Ha n'esta questão duas partes distinctas: uma que se refere propriamente á situação da ilha, isto é, á sua collocação n'um ou n'outro ponto do oceano: a outra que diz respeito á sua natureza, ou antes á sua identificação com uma *terra real*.

A primeira não nos interessa directamente n'este estudo, nem tem, a meu vêr, um grande interesse geral. Qualquer que fosse a origem da graciosíssima ficção de Camões, a sua collocação permanecia arbitraria. Quer se inspirasse nas descripções de mais antigos poetas,— e os nomes de Homero, Poliziano e Ariosto, teem sido muitas vezes pronunciados a proposito d'este episodio,— quer se recordasse d'essas mysteriosas terras, por exemplo, da *ilha das mulheres*, que a edade média collocava no Atlantico, e que defalojadas pelos descobrimentos,

ſucceſſivamente ſe foram refugiando em recantos não navegados do oceano; o certo é, que Camões conſervava abſoluta liberdade na ſituação a eſcolher, para aquella poetica terra aparelhada por Venus.

Sobre eſte ponto unicamente direi que, ſem adoptar todas as razões—algumas bem ſingulares—que determinaram Faria e Souſa a collocar a ilha nos mares do Oriente; ſem inſiſtir ſobre os motivos plauſiveis, que em favor da meſma opinião adduziu Joſé Gomes Monteiro; e ſem diſcutir o famoso verſo, e a não menos famosa *dieréſe*, me parece em geral acceitavel eſta interpretação das paſſagens do poema, e muito mais ſegura que a do morgado de Mattheus e de outros, que transportaram a ilha para o Atlantico.

Reſta-nos agora examinar ſe o Poeta collocou ali uma pura ficção, ou alludiu a uma *terra real*. E cumpre-nos fazer eſſe exame, porque a *vegetação* da ilha, e ſó ella, nos pode levar a uma conclusão ſegura.

Parece que, logo depois da publicação do poema, ſe começaram a edificar hypotheſes, mais ou menos plauſiveis, ſobre a natureza da ilha, pois Manuel Correia, nos ſeus commentarios, já nos diz que alguns a procuraram em Santa Heléna. O honeſto licenciado não acceita porém eſta opinião, e depois de a mencionar accreſcenta, com boa critica de que nem ſempre é prodigo: «mas enganam-ſe, porque foi um fingimento que o poeta aqui fez, como claramente conſta da lettra.»

O erudito Faria e Souſa tentou mais tarde localisar o episodio na ilha de Anchediva, e foi procurar a hiſtoria dos barcos cobertos de rama, com que o pirata Timoja quiz ahi atacar os noſſos, como conta João de Barros. Eſta verdura, ou bálſa fluctuante, teria ſuſcitado na mente de Camões a primeira idéa da ſua ilha, fluctuante tambem. Com eſta hiſtoria enreda o commentador o caſo ſuccedido nas bodas que, muito tempo depois, Affonſo

de Albuquerque ordenou em Goa, e onde se deram confusões e trocas — por certo pouco agradáveis — entre noivos e noivas. N'estas uniões, um tanto fortuitas entre os foldados portuguezes e as moças indianas, encontra outra origem da ficção. É tanto mais singular este infeliz efforço do fecundo escriptor, para escorar a sua hypothese que mal se tem de pé, quanto depois parece esquecer-se completamente de Anchediva, e, nas notas á estancia 54 e seguintes do canto ix, reconhece a natureza classica da descripção, accumulando as citações de modernos e antigos poetas que a demonstram. De modo que — na opinião de Faria e Sousa — Camões teria collocado a ilha dos Amores em Anchediva, e depois não teria conservado, na descripção, nem um só traço de Anchediva, ou da natureza tropical; o que é de todo o ponto inadmissivel.

Em uma carta, já citada, muito bem escripta, e contendo na parte exclusivamente litteraria apreciações justas e novas, José Gomes Monteiro estudou modernamente esta questão. Fez alguns reparos á passagem do *Kosmos*, em que Humboldt com razão notara a feição mediterranea da ilha, e quiz dar uma lição de *geographia botanica* ao illustre fundador d'esta sciencia. A tentativa foi infelicissima, como era natural. O auctor da carta, muito estimavel erudito, não sabia botanica, e muito menos *geographia botanica*. Ninguem lh'o pode levar a mal; mas esta lacuna nos seus conhecimentos, conduziu-o ao mais singular resultado.

Não só quiz localisar a ilha em Zanzibar, como julgou encontrar na descripção dos *Lusiadas* os traços da vegetação d'aquelle paiz. Para fazer concordar duas coisas tão diversas, como são a natureza puramente europeia, descrita por Camões, e a natureza puramente tropical da costa africana deu tratos á imaginação. Foi procurar as auctoridades do bispo Oforio, de Damião de

Goes, de Fr. João dos Santos, de Botelho e de varios outros, e construiu uma Flora de Zanzibar de phantasia. As auctoridades citadas, valiofas em questões historicas ou litterarias, podem ter valor nas questões scientificas, quando sejam cuidadosamente criticadas, e comparadas com as noções modernas. Desajudadas porém d'esta elucidação, em certos casos muito difficil de fazer, não tem valor de especie alguma. Nada ha mais problematico, do que saber a que arvore o auctor do *Roteiro de Vasco da Gama* chamaria um ulmeiro, e o mesmo se pode objectar ás outras citações¹. Não quer isto dizer, que não existam na costa africana, algumas das plantas de que falla Camões. As especies do genero *Citrus*, por exemplo, originarias do Oriente, muito conhecidas dos arabes, e por elles espalhadas em todas as regiões que dominaram, prosperam nas terras orientaes da Africa. O que destroe a hypothese de Monteiro, não é a existencia ou a falta de uma ou outra planta, é o conjuncto de todas, é o typo da vegetação, admiravelmente fixado pelo Poeta. Suppor que Camões, tão scientificamente exacto nas suas affirmações, caracterisou a flora de Zanzibar com ulmeiros e murta, açucenas e mangerona só pode provir da falta de conhecimentos historico-naturaes. Esta tentativa é pois a meu ver, ainda mais infeliz que as

¹ Entre as auctoridades citadas figura a de um botanico illustre, Richard, em apoio da asserção que o Myrto propriamente dito cresce nos tropicos. O caso era grave para o pobre Richard. Tirando porém a limpo a sua affirmação vê-se que é correcta; mas que Monteiro não a percebeu bem. Richard diz que as *Myrteas* são tropicaes, e entre os generos cita o *Myrtus*. Não podia dizer mais em uns *Elementos*. A verdade é, que as numerosas especies do genero *Myrtus* são tropicaes, excepto *uma*. Mas essa, é exactamente a planta confagrada a Venus, o myrto propriamente dito, do sul da Europa, e do qual fallou Camões. De modo que a unica auctoridade botanica, citada na *Carta*, foi mal interpretada.

precedentes. Taes foram as principaes opiniões, que vogaram sobre a localisação da ficção poetica do canto ix dos *Lusiadas* em alguma das ilhas dos mares orientaes¹, e que difficilmente resistem ao exame.

Procuremos agora o que era essa ilha, que Venus e a phantasia do Poeta levaram fluctuando ao encontro dos navegadores, e vejamos se pode restar duvida sobre a sua natureza. A vegetação da ilha vem descripta nas seguintes estancias do canto ix:

54

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympa fugitiva.

55

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que pronto está para afeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

¹ Cf.—*Os Lusiadas*, etc., comm. pelo licenciado Manuel Corrêa, 248 e seguintes.—*Lusiadas*, etc., comm. por Manuel de Faria i Sousa, iv, 30, 135 e seguintes.—Barros, i *Decada*, iv, 11, e ii *Decada*, v, 11.—Humboldt, *Cosmos*, ii, 67, tr. franc. 1855.—José Gomes Monteiro, *Carta ao Ill.^{mo} Snr. Thomaz Norton*, etc. Porto, 1849.

56

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoríferos e bellos:
A laranjeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encoستا-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pesos amarelllos;
Os formosos limões, alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos tão de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cyparifo
Para onde é posto o ethereo paraifo.

58

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes:

E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz fer a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno,
Alli a cabeça a flor Cephifia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda fufpiras.

61

Para julgar difficil coufa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

62

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

Accrescentemos ainda um verso do canto x em que

vem citada uma planta pertencente á flora da ilha, e não mencionada aqui:

..... e despertava
Os lírios e jasmims que a calma aggravava.

x, 1.

É necessario agora fazer uma enumeração rapida d'estas plantas:

- A laranjeira, *Citrus Aurantium* L., é uma especie particular, ou uma simples variedade cultural do *Citrus Bigaradia* de fructos amargosos. Julga-se originaria do extremo Oriente, talvez da China. Não foi conhecida na antiguidade, nem na idade média, e suppoz-se mesmo que havia sido introduzida na Europa pelos portuguezes, depois de suas viagens. Gallezio porém encontrou provas numerosas da sua frequente cultura na Hespanha e Italia logo no começo do xvi seculo, o que denota uma introduccão mais antiga.
- A cidreira, *Citrus medica* Gallezio, foi ao que parece a unica especie d'este genero conhecida dos antigos povos da Europa. Theophrasto já a menciona sob o nome de *μῆλον μηδικόν*, que indica a sua procedencia da Média.
- O limoeiro, *Citrus Limonum* Risso, foi conhecido desde os tempos mais antigos na India. Do seu nome sanskritico *nimbuka*, procede o arabe *limun*, e as designações vulgares. A sua introduccão na Europa parece ser devida aos arabes, e aos cruzados, e ter tido logar depois do x seculo.
- A cerejeira, *Cerasus avium* L., espontanea na Europa média e austral, e Africa boreal; é o *κέρασος* de Theophrasto.

- O pecegueiro, *Perfica vulgaris* Mill., suppõe-se ser indigena do Oriente. É certo porém, que os antigos o conheceram, e que a sua cultura se espalhou pela via da Persia, d'onde lhe veio o nome; é o *μηλιά περσική* de Theophrasto.
- A amoreira, *Morus nigra* L.: a esta e não á branca se refere Camões, como se vê da allusão aos amores que lhe deram a côr, juntamente com o nome. É originaria das vertentes do Caucaço e região do Caspio. Parece ser a arvore a que Theophrasto chama *συκίμινον*.
- A romeira, *Punica granatum* L., é indigena, como o seu nome indica, da Africa do norte, ou talvez da Palestina, d'onde os phenicios a trouxeram para a sua colonia de Carthago: É já citada por Homero sob o nome de *ροά* ou *ροιά*.
- A pereira, *Pyrus communis* L., é espontanea em toda a Europa temperada. A pera *ῥαυη*, já vem mencionada nos versos de Homero e de Theocrito.
- A vide, *Vitis vinifera* L., é espontanea em toda a região do Caucaço, e na Armenia, e sob o nome de *αμπελος* é citada pelos mais antigos poetas.
- O alemo, *Populus alba* L., é planta espontanea em toda a região mediterranea; é o *λεύκη* de Theocrito e o *αερωίς* de Homero.
- O loureiro, *Laurus nobilis* L., é a unica Lauracea indigena da Europa; o *δαφνη*, celebrado por todos os poetas antigos.
- O myrto, *Myrtus communis* L., é igualmente a unica Myrtacea espontanea na Europa: é o *μύρτος* o Theocrito e de varios outros poetas.
- O ulmeiro, *Ulmus campestris* L., espontaneo na nossa região; é o *πελέα* de Hesíodo, Homero e Theocrito.

- O pinheiro, *Pinus Pinea* L. Provavelmente a esta especie se referiu Camões, pois é a mais bella das duas vulgares em Portugal; é o *πιτυς* de Homero.
- O cipreste, *Cupressus sempervirens* L., especie vulgar, mencionada com os nomes de *κυπάριττος* e *κυπάρισσος* por Homero e Theocrito.
- A flor cepheia, o *ναρκισσος* e *narcissus* de todos os poetas, tem-se geralmente identificado com o *N. poeticus* L.; n'este caso porém, pella allusão evidente a Ovidio, deve referir-se a uma das especies de coronete amarello, talvez ao *N. Tazetta* L.
- O filho de Cinyras é o *Adonis autumnalis* L., o *αργεμωνη* de Dioscorides, planta vulgarissima em Portugal, onde tem o nome de *beijinhos*, talvez por alguma reminiscencia classica, inconscientemente conservada.
- A viola. Lembra naturalmente identificar esta planta com a *Viola odorata* L., o *ιον* de Theocrito e de Homero. Porém a referencia a côr dos amadores, que é pallida, mostra-nos que se trata do *λευκόν* de Theocrito, a *viola alba* de Plinio; isto é, de uma planta muito diversa, que se julga ser a *Matthiola incana* R. Br., e é vulgar na nossa região.
- O lirio roxo, é alguma das especies de *Iris*, conhecidas dos antigos, ou a *Iris subbiflora* Brotero, a mais bella das especies portuguezas de periantho roxo.
- A rosa é a *Rosa centifolia* L., conhecida e celebrada por todos os antigos poetas.
- A cecem, *Lilium candidum* L., julga-se originaria da Syria e Palestina, d'onde sua cultura se espalhou pela Europa; é o *κρίνον* de Theocrito. O nome

portuguez cecem, vem do arabe *fusen*, que se prende ao hebraico já mencionado no Cantico dos Canticos. Da mesma origem vem a designação, hoje mais usada, de açucena, pela addição do artigo, que segundo a conhecida regra muda o *l* em *s*, *as-fusen*.

- A mangerona, *Origanum Majorana* L., espontanea na Africa do norte e Asia média, cultivada em toda a Europa austral; é o *αμαρακον* de Theophrasto.
- A flor Hiacinthina, na qual se liam as lettras *α ι*, que são uma exclamação sentida pela morte de Hiacintho, ou as duas primeiras do nome de Ajax; suppõe-se ser o *Gladiolus segetum* Gawl., muito vulgar entre nós.
- O jasmim deve ser o *Jasminum fruticans* L., espontaneo em Portugal.

Em refumo, das vinte e quatro plantas de que, na descripção de Camões, se compõe a flora da ilha, não ha *uma* que não seja espontanea em Portugal e regiões vizinhas, ou ahi introduzida e cultivada já antes do seu tempo. Ainda mais, são todas escolhidas entre as vulgares, e que dão o cunho á vegetação mediterranea. As citações de nomes gregos, que expressamente procurei, não só nos livros botanicos, mas nos poetas e entre estes nos mais antigos, põe em evidencia o typo classico d'esta Flora ¹.

¹ Cf.—A. De Candolle, *Géographie Botanique*, 810 e seguintes.—Grisebach, *La végétation du globe*, 1, 339 e seguintes.—Gallezio, *Traité du Citrus*.—Wimmer, *Theophrasti opera* in indice, 1866.—Sprengel, Comment. in *Dioscorid.* 11, 339 et seq.—Plinio, *Historia Nat.* ed. Littré.—Fraas, *Synopsis Plantarum Florae Classicae*.—Fée, *Flore de Théocrite*.—Miquel, *Homerische Flora*.

O quadro é completo e perfeito. Estamos na região do mar interior, que inclui no extremo occidental Portugal e a Hespanha, abraça a Italia, envolve a Grecia, e as costas da Syria e vem de novo fechar ao occidente na Africa do norte. Estamos no berço das civilizações; na patria dos grandes poetas, de Camões e de Virgilio, de Homero e de Theocrito.

Os materiaes botanicos, com que Camões edifica a vegetação da sua ilha, são essencialmente portuguezes; encontrou-os, quando estudante, nas hortas das margens do Mondego; observou-os, quando desterrado, nas lezírias do Tejo; porventura lh'os depararam, fóra da patria, os jardins de algum fertil valle dos arredores de Ceuta ou de Tetuão.

As recordações da sua terra natal, junta-se porém, como vimos, outro importantissimo elemento. A flora da ilha é ainda mais classica que lusitânica. Procede mais da leitura dos poetas que da observação da natureza. É certo mesmo que Camões não identificava algumas das suas plantas, com as especies reaes, nem sabia se habitavam no seu paiz; citava-as como pura reminiscencia das suas vastas leituras.

Esta feição classica e mythologica conhece-se nas plantas citadas, e ainda mais no modo de as citar. Falla-nos Camões dos alemos de Alcides, como Theocrito:

Κρατὶ δ' ἔκων λευκὰν Ἡρακλέος ἱερὸν ἔρνος
Eld. II, 121.

e depois Virgilio:

....., *Herculeaeque arbor umbrosa coronae*
Georg. II.

Grupa effes alemos com o loureiro de Apollo e a murta de Venus, ainda como Virgilio:

*Populus Alcidae gratissima, vitis Iaccho,
Formosae myrtus Veneri, sua laurea Phaebo.*

Ecl. vii.

Os pinheiros e os cyprestes, de que trata, são os da fabula:

..... *hirsutaque vertice pinus
Grata Deum matri, siquidem Cybeleius Atys
Exiit ac hominem, truncoque induruit illo.
Affuit huic turbae metas imitata Cupressus,
Nunc arbor, puer ante Deo dilectus ab illo,
Qui citharam nervis, et nervis temperat arcum.*

Ovid. Metam. x.

Os fructos, da côr dos cabellos de Daphne, lembram os pomos doirados que fizeram perder a Atalanta o premio da carreira:

Tum canit Hesperidum miratam mala puellam:

Virg. Egl. vi.

As amoras, são as que tingiu o sangue dos dois amantes:

..... *madefactaque sanguine rãdix
Purpureo tinxit pendente mora colore.*

Ovid. Metam. iv.

As proprias affociações de plantas, são classicas. A vide que descança entre os braços do ulmeiro, se lembra uma fresca sebe de Portugal, lembra tambem os verfos de Virgilio:

..... *Ulmisque adjungere vites
Conveniat:*

Georg. i.

Sob effes classicos arvoredos, encontramos flores não menos classicas: o amante de Echo:

*Nusquam corpus erat croceum pro corpore florem
Inveniunt foliis medium cingentibus albis.*

Ovid. Met. III.

o filho dos incestuosos amores de Mirrha, o dilecto de Venus, convertido em flor, tinta no fangue que derramara o javali:

..... *cum flos de sanguine concolor ortus.*

Ovid. Met. x.

as famosas letras Hiacinthinhas de dupla significação:

*Littera communiis mediis pueroque, viroque
Inscripta est foliis: hæc nominis, illa querelæ.*

Ovid. Met. XIII.

ou ainda a viola, da pallida côr dos amantes:

Nec tinctus viola pallor amantium,

Horat. III, od. 10.

Sem mais profeguir em conhecidas citações, vê-se que estamos n'um paiz classico, onde, como compete a uma ilha de Venus, se conservam vivas as recordações de Hercules e de Apollo, de Adonis e de Narcisso, de Atys e de Hiacintho.

O Poeta por um gracioso efforço de imaginação, toma uma ilha mythologica, com todos os seus caracteres, e transporta a das temperadas regiões do Mediterraneo, — da patria da velha poesia, — para os mares do Oriente. Falso premeditadamente todas as regras da geographia botanica, e colloca sob o sol ardente dos tropicos flores que ahi murchariam em horas. Logo veremos, se commette erros d'esta ordem quando falla das plantas reais.

Querer encontrar na descripção de Camões os traços

da vegetação de Zanzibar, é fechar os olhos á evidencia. Querer localisar a ilha em Santa Helena ou Anchediva é amesquinhar a ficção. A sua verdadeira situação geographica é na phantasia do poeta: e não está mal collocada.

Resta a questão da *côr local*. Eu por mim só direi, que a ficção de Camões, por inverosimil que seja, me apraz mais que a pintura de alguma ilha semi-real, em que uma Thetis de côr baça passeasse sob os palmares, ou á fombra das bananeiras.

III

FLORA TROPICAL

É esta — sob o nosso ponto de vista — a parte mais interessante do poema, e requer ser tratada de modo um pouco diverso do que seguimos nas precedentes secções.

De feito, pareceu-me útil, não só identificar com as espécies hoje descriptas, e scientificamente conhecidas, todas as plantas, ou productos vegetaes nomeados por Camões, como dar uma breve noticia dos conhecimentos, obtidos de cada um antes do seu tempo, ou correntes entre os seus contemporaneos. Só assim se poderá julgar do rigor e extensão das suas noções; avaliando ao mesmo tempo, qual fôra a influencia das viagens portuguezas sobre o progresso das sciencias naturaes. Para grupar essas noticias com clareza, foi necessario dedicar a cada planta um paragrapho especial.

Hesitei a principio na ordem a adoptar, e como todas me parecêsem arbitrarias, decidi seguir passo a passo as estancias do canto x, onde se encontram grupadas, quasi

todas as passagens, botanicamente interessantes, do poema; voltando occasionalmente e a propósito de productos similares, ou regiões vizinhas a algumas menções, dispersas pelos cantos precedentes.

Esta secção tem pois o caracter de notas botanicas ao referido canto.

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.

x, 38.

Todos sabem, que os paus aguçados e endurecidos ao fogo, são uma das mais primitivas armas de que usaram e ainda usam as populações selvagens. E este rude armamento dos africanos, de que Barros faz também menção, a propósito do mesmo desgraçado successo na aguada do Saldanha, lembra-nos a passagem em que Herodoto, vinte seculos antes, descrevia egualmente os africanos, que formavam um dos contingentes do colossal exercito de Xerxes, como armados de lanças de madeira, aguçadas e tostadas ¹.

A propósito d'esta mui remota referencia a productos vegetaes da Africa, unica que se encontra no canto x, gruparei o pouco que se diz nos outros cantos.

A região occidental da Africa é passada quasi em silencio. Uma menção do arvoredado da Madeira, e uma breve indicação da esterilidade do Sahara, é tudo quanto nos depara o poema. E não admira; porque tanto Camões, como o seu heroe Vasco da Gama, por ali ha-

¹ Cf. — Barros, II *Decada*, III, 9. — Herodoto, VII, 71.

viam transitado rapidamente. De mais, as riquezas do Oriente faziam esquecer os ricos productos vegetaes da Guiné e do Congo, e o oiro da Mina que tão celebrado fôra no seculo xv, em quanto se não dobrou o cabo de Boa Esperança, e fe não attingiu a defejada meta dos descobrimentos.

Sobre a costa oriental temos algumas indicações.

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As velas com que vem eram de esteira;
D'humas folhas de palma bem tecidas:
I, 46.

Quasi todos os nossos escriptores fallam d'estas velas de palma. Barros diz, que os companheiros de Vasco da Gama viram entrar no rio dos Bons signaes «huns barcos com vela de palma», e depois falla dos zambucos de Moçambique, que vinham a remos e com as mesmas velas. Gaspar Correia tambem conta que o zambuco, tomado por Vasco da Gama antes de chegar a Moçambique, «levava vela d'esteiras.» Os barcos de Zinzibar, são descriptos por Duarte Barbosa, como sendo pequenos, sem coberta, e de um só mastro; acrescentando: «ha madeira d'elles he lyada e cofida, com tamisa que chamaom cairo, has velas saom desteiras de palma.»

Parece que a sua feição tem mudado pouco até aos nossos dias, pois o capitão Sullivan descrevia, no anno de 1873, quasi pelas mesmas palavras os barcos chamados *matapas*: «*their sail is as primitive as their hull, consisting of a square straw mat.*»

A materia empregada n'este grosseiro tecido, devia ser a folha grande e flabelliforme de uma especie de *Bo-*

rassus, que se encontra n'aquellas regiões, e que nomeadamente o fr. Peters observou entre Quilimane e as montanhas de Lupata, onde é conhecida dos naturaes pelo nome de *Madicoa*. Não está, que eu saiba, bem averiguado se é a especie *B. flabelliformis* L., que habita na India, se a *B. Aethiopum* Mart., natural da costa occidental e centro da Africa, sendo porém mais provavel que seja a ultima. Das folhas de uma e outra d'essas especies se tecem habitualmente esteiras, e outros grosseiros artefactos, nas regiões citadas ¹.

¹ Cf.—Barros. i *Decada*, iv, 3.—Gaspar Correia, *Lendas*, i, 34.—Duarte Barbosa, *Livro na Collecção de noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, t. ii, 254, ed. de 1867.—Sullivan, *Dhow chafing in Zanzibar waters*, 103.—Peters, *Reise nach Mossambique. Botanik*, ii, 508.

E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.
v, 76.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados;
i, 47.

Estes tecidos de algodão, tanto os de Moçambique, como os do rio dos Bons signaes, podiam ser de origem indiana, como de certo eram as sedas e outras fazendas ricas de que falla Barros, que n'esta parte é seguido mui de perto pelo nosso poeta; pois os mercadores arabes corriam então todo o mar das Indias, e toda a costa

africana até ao cabo das Correntes. Mas podiam também fer de fabricação local. Na Africa oriental existem espontaneas ou subespontaneas diversas especies de algodoeiros, por exemplo, o *Gossypium puberulum* Klotzsch e o *G. herbaceum* L.; e os negros conheciam desde tempos muito remotos, a arte de tecer o algodão, e a arte de o tingir com o azul de diversas *Indigoferas*, e particularmente da *I. tinctoria* L. Esta leguminosa cultivava-se por toda a Africa tropical e central, e os pannos azues do Sudan são affamados. No entanto Duarte Barbosa, — que é sempre bastante exacto, — diz mui expressamente que os habitantes da costa oriental ignoravam então a arte de tingir, e conta miudamente como defflavam os pannos azues para, misturando o fio com o seu algodão branco, tecerem pannos pintados; indicando também que os pannos azues vinham de Cambaya. Esta ultima informação é exacta, porque o anil, o algodão, e os pannos azues de Cambaya tinham de feito grande reputação no Oriente, já dois ou tres seculos antes das viagens portuguezas. Ou os pannos fossem importados da India, ou fabricados na costa africana, o certo é que eram geralmente usados, e que a asserção de Camões é exactissima. Em quanto aos pannos azues, mencionados na estancia 76, veja-se especialmente o que diz Duarte Barbosa a propolito de Moçambique ¹.

¹ Cf.—Barros, 1 *Decada*, iv, 3.—Duarte Barbosa, *Noticias* II, 248 e 251.—Yule *The book of Ser Marco Polo*, II, 333, ed. de 1871.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as náos.....

v, 79.

Esta indicação sobre um facto conhecidíssimo, que ainda hoje se dá, e que então em longas e lentas viagens, e com costados de navios mal aparelhados se devia dar mais fortemente, diz respeito ao oceano em geral, e não á costa africana, ou qualquer outra. Cito-a porém n'este logar, porque n'aquella costa se limpavam e repararam as naus, como é bem sabido. É esta, com outra de indole mythologica, as unicas menções das *Algas* marinas, e em geral de plantas inferiores, que se encontram no Poema.

Outro de arco encurvado, e fetta hervada,
I, 86.

É bem conhecido o ufo, muito geral entre os povos selvagens, de envenenar as armas. São, quasi exclusivamente, substancias vegetaes, que nas diversas regiões servem para este fim, e d'ahi veio que os nossos antigos escriptores chamaram essas armas, *hervadas*. Camões faz a este ufo uma graciosa allusão, onde diz que as feridas do amor são particularmente perigosas:

....., quando as fettas
Acertam de levarervas secretas.
IX, 33.

No verso acima citado, refere-se porém a uma pratica real das regiões orientaes da Africa. A substancia hoje ali empregada—provavelmente a mesma já usada no xv seculo—é o *Kombi*, preparado com as sementes de uma Apocynacea, do genero *Strophanthus*, talvez o *Strophanthus Peterfianus* Klotzsch, espontaneo na Zambezia. O

principio activo, e muito energico do *Kombi*, reside em um alcaloide especial, a *strophanthina* ¹.

¹ Cf.—Livingstone. *The Zambesi*, 466.—Peters. *Reise nach Mosambique*, 1, 276.—Wittstein, *The organic constituents of plants*, 208, transl. of F. von Müller.

Opulenta Malaca nomeada!
As fettas venenosas que fizeste,
Os crifes com que já te vejo armada,
x, 44.

Os malayos servem-se, para *hervar* as suas armas, de dois poderosos venenos, o *upas antiar*, e o *upas tieuté*, separados ou misturados. O *upas antiar* é feito com o succo de uma grande arvore, a *Antiarias toxicaria* Lefsch., nat: ral de Java. Contaram-se de suas propriedades toxicas curiosas historias, dizendo-se que matava a distancia, não só os homens e os animaes, como a vegetação. Ha n'isto muita exaggeração, mas a arvore parece no entanto ser uma das mais venenosas plantas existentes. O principio activo do veneno, é um alcaloide particular, a *antiarina*. O *upas tieuté*, talvez ainda mais energico, obtem-se de uma trepadeira, tambem de Java, o *Strychnos Tieuté* Lefsch.: os seus principios activos são os conhecidos alcaloides *brucina* e *strychnina* ¹.

Como se vê, é perfeitamente exacta a noticia dada por Camões, de que os malayos usavam fettas e crifes envenenados.

¹ Cf.—Guibourt. *Histoire naturelle des drogues simples*, II, 568, ed. de 1876.—Wittstein. *Organic constituents*, 15 e 209.

..... co'a canella
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella

IX, 14.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pela cortiça calida, cheirosa;

x, 51.

A canella é a calca do *Cinnamomum Zeylanicum* Breynne, arvore da familia das Lauraceas, indigena da ilha de Ceylão; uma qualidade mais ordinaria, é produzida por diversas especies do mesmo género, que habitam na India, China, e outras partes do Oriente.

Pelos nomes de *cinnamomo* e de *cassia*, ambos de origem semitica, foi esta, ou mui semelhante especiaria, conhecida desde tempos muito remotos. Vem mencionada nos livros dos Reis, dos Proverbios e de Ezequiel, e a ella fazem especial referencia Theophrasto, Dioscorides e Plinio, entre outros antigos escriptores. Sob o nome de *Kwei*, se encontra citada nos mais velhos tratados de botanica dos chins, um dos quaes parece remontar a 2700 annos antes de Christo.

Corriam entre os gregos as mais estranhas versões sobre sua procedencia e colheita, suppondo uns que era defendida por serpentes venenosas, como refere Theophrasto; e outros que era encontrada nos ninhos de pafaros, que a traziam das regiões aonde Baccho fôra creado, como conta Herodoto.

Em geral julgava-se originaria da India, ou da Arabia; convindo notar que os antigos suppozeram, não só esta, como muitas outras substancias orientaes, originarias da Arabia, pelo simples facto de as receberem pela via do mar Vermelho. Embora em época recente o eru-

dito Cooley admittisse a antiga existencia do *Cinnamomum* na Africa, na *regio cinnamomifera*, para os lados do cabo dos Aromas—o moderno Guardafui—tal existencia parece pouco provavel. A verdade é, como já notára Garcia de Orta, que os povos da China, India e Arabia tiveram relações commerciaes mais antigas e activas do que muito tempo se julgou, sendo a *canella* que concorria aos mercados do Egypto e outros proveniente das terras orientaes, onde ainda hoje se encontra. Parece porém resultar das minuciosas investigações a que procedeu Tennent, que os antigos não conheceram a canella de Ceylão, Taprobana ou Serendib,—que por estes e outros nomes foi a famosa ilha conhecida;—e unicamente alguma qualidade inferior da India ou da China¹.

Referencias á canella de Ceylão só se encontram em escriptores relativamente modernos.

A primeira, segundo o erudito coronel Yule, pelo anno de 1275, nos escriptos do arabe Kazwini; e pouco depois se encontra outra menção em uma carta de Fr. João de Monte Corvino, acompanhada de uma soffrivel descripção da planta. No seculo seguinte o celebrado e incansavel viajante Ibn Batuta visitou a ilha de Ceylão, e diz que os troncos da arvore da canella eram tão abundantes, que andavam a montes pelas praias e margens dos ribeiros. E alguns annos antes da viagem de Vasco da Gama a menciona o mercador veneziano Nicolo Conti, que tambem esteve na famosa ilha².

¹ Cf.—Herodoto, III, 111.—Theophrasto, *Hist. plant.*, IX, 5, p. 145, ed. Wimmer.—Dioscorides, *Materia medica*, I, 12 e 13, I, p. 23 e 25. ed. Sprengel.—Plinio, *Hist. nat.*, XII, 41, I, p. 488.—Flückiger and Hanbury, *Pharmacographia*, 467.—Sir J. Emerson Tennent, *Ceylon*, I, 600.

² Cf.—Yule, *Marco Polo*, II, 255.—Yule, *Cathay and the way thither*, 213.—*Viagens extensas & de Ben Batuta*, versão de Fr. José

Com quanto as descripções da arvore, dadas por Monte Corvino e Conti, sejam bastante exactas, as noções sobre a origem da droga continuaram a ser obscuras e imperfeitas até ás viagens dos portuguezes. Quando porém estes chegaram á India, e sobretudo quando alguns annos depois se apoderaram de Ceylão, começaram a obter mais completa informação da canella, sua procedencia e qualidades. Duarte Barbosa não só dá noticia certa da arvore, que diz ser semelhante ao louro, como descreve o modo de colher a casca, e distingue a boa canella de Ceylão de qualidade mais ordinaria do Malabar. Seria digno de citar-se todo o capitulo em que Garcia de Orta trata da canella; tanta é a copia de noticias novas, e pela maior parte exactas, que nos fornece. Descreve a arvore minuciosamente, e o modo por que se colhe a parte aproveitavel da casca¹; indica a procedencia das diversas qualidades de maior e menor valia; e falla do caminho seguido pelo commercio antes das nossas viagens, dando conta da navegação dos juncos chins até Ormuz. Deffazendo com boa critica e notavel desaffombro os erros dos auctores classicos, exclama — com orgulho bem fundado no seu tempo — «que se sabe mais em um dia agora pelos Portuguezes, do que se sabia em cem annos pelos romanos.»

de Santo Antonio Moura, II, 300. Não tive á minha disposição a versão de Defrémery, que é mais exacta; cito esta e ás vezes os extractos de Yule.— *Travels of Nicolo Conti*, 7, na *India in the fifteenth century* de Major. Hak. society.

¹ Na descripção do processo de descascar é Garcia de Orta, como antes havia sido Duarte Barbosa, mais exacto que Gaspar Correia, o qual (*Lendas da India*, I, 652) suppõe erradamente que a casca se tira do ramo ainda preso á arvore, e nos annos seguintes se reproduz, como a cortiça. Camões lhe chama cortiça em uma das passagens citadas, porém esta palavra tem ahi simplesmente a significação geral de casca, e não prova que elle seguisse esta falsa opinião.

Taes eram as noções que corriam entre os contemporaneos e compatriotas de Camões, e que elle de certo possuia. A *cassia* ou *canella* do Malabar e da China era pouco procurada, e Ceylão o principal productôr da valiosa especiaria: a *madre da canella*, lhe chama João de Barros. É pois d'esta e só d'esta mais fina casca, que naturalmente falla o nosso Poeta.

Referir agora a subida estimação em que foi tida nos tempos antigos e idade média, quando pequenas porções chegavam á Europa pela via do Mediterraneo; e o valor que conservou quando o commercio portuguez começou a generalisar o seu uso, fahiria completamente do nosso plano. As proprias palavras do Poeta, celebrando nas duas citadas passagens a famosa ilha, e celebrando-a unicamente por dar este producto, nos mostram quanto era prezada ¹.

Um contemporaneo de Camões, arreceando-se — com o seu habitual bom senso — dos perigos, que á patria fazia correr a febre de lucro e riquezas orientaes, que se apossára dos portuguezes, dizia:

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não fôa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro d'esta canella
O reino nos despôva.

¹ Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 56o, ed. de 1872.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 35o e 383—Barros, III *Decada*, II, 1.

Olha Dofar infigne, porque manda
O mais cheirolo infenso para as aras:

x, 101.

O incenso é produzido por diversas especies do genero *Boswellia*, da familia das Burseraceas, em parte ainda mal descriptas, e que habitam na Arabia e na fronteira margem africana, proximo ao cabo de Guardafui.

Foi este perfume muito celebrado pelos antigos, e do seu valor temos uma prova no famoso e bem conhecido presente dos reis Magos. Era um dos principaes objectos do trafico que os phenicios faziam com a Arabia, e o seu nome de λιβανος, e *olibanum* vem do arabe *luban*, e do hebraico *lebonah*, que significa leite, e se refere ao aspecto da resina, em quanto fresca. O nome *thus* pode vir talvez do verbo θυειν, sacrificar.

Quasi todos os auctores gregos, como Herodoto, Plutarcho, Arriano, Strabão, o mencionam, sendo notavelmente completa a noticia que dá Theophrasto. Uma passagem em que Diodoro de Sicilia¹, fallando da terra dos Sabêos, e da abundancia de incenso que ali havia, diz que os navegadores se dirigiam pelo cheiro que da terra saía, lembra o verso em que Camões falla de,

As costas odoríferas Sabéas,
IV, 63.

E quando o nosso poeta menciona a Arabia pelo nome de Panchaia:

Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
II, 12.

¹ Cf.—Oliver, *Flora of tropical Africa*, I, 324.—Birdwood, *Transf. of the Lin. soc.*, xxvii, 111.—Flückiger and Hanbury, *Pharmac.*, 120.—Theophrasto, *Hist. pl.*, ix, 4, p. 143.—Sprengel, *Comment. in Dioscorid.*, II, 376.

tem uma reminiscência clássica, pois que este nome de Panchaia foi muito usado pelos latinos, para designar aquella região:

Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis.

Virg. Georg., II.

Em quanto a Dofar, é nome que se conserva n'uma planície *Dhafar*, hoje deserta. Foi antigamente cidade notavel, e tem-se querido identificar com o *Sephar* do Genesis, ou com o *Sapphara* de Ptolomeu. É certo que teve sempre reputação o incenso que por aquelle porto se exportava, e já Marco Polo no XIII seculo menciona o bom incenso branco ali produzido. Thomé Pires cita o «emcenço de *Tufar*», que é evidentemente a mesma localidade, e Barros o de Dofar, a que chama cidade; é porém provavel que já estivesse muito decaída da sua importância commercial, porque Duarte Barbosa, sempre muito exacto, lhe chama simplesmente — um lugar de mouros ¹. De tudo isto se vê quanto a noticia de Camões, no que respeita á procedencia do incenso, é correcta.

¹ Cf.—Yule, *Marco Polo*, II, 380.—Carta de Thomé Pires, *Jorn. da Soc. Pharm.*, II, 38.—Barros, I *Decada*, XI, 1.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 265.—Garcia de Orta. *Colloquios*, 213, v.

Diz Camões, fallando de S. Thomé:

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes faude, a mortos vida,
A cafo traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:

Dejeja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

Era tão grande o pezo do madeiro
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça um sumptuofo templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

X, 110 e 111.

É impossivel identificar este grande madeiro, com uma especie determinada, pois pertence exclusivamente ao dominio da lenda¹. Como porém se trata de uma producção vegetal, parece-me necessario dizer alguma coisa sobre a tradição, que serviu de base a Camões.

A versão que este adopta tanto sobre o caso do madeiro, como sobre a resurreição do filho do Brahmene,

¹ Como era de suppor, deu-se o nome de S. Thomé a algumas plantas da India. De uma, celebrada pelas suas propriedades medicinaes, dá noticia Christovão da Costa (*Exotic.*, 264), dizendo que os Brahmenes a chamavam *macre*, os portuguezes *arvore santa*, e os christãos indigenas *arvore de S. Thomé*. D'esta planta falla de passagem Rumphius (*Herb. Amb.*, II, 16). Parece que a sua casca era o *macer* dos escriptores gregos e romanos; não creio porém que modernamente se tenha reconhecido exactamente qué planta fosse (Jussieu, *Dicc. des Sc. naturelles*, xxvii, 484). A outra é a *flor de S. Thomé* descrita e figurada por Sonnerat. (*Voy. aux Indes*, II, 228) sob o nome de *Cadamba jasminiflora*, e hoje incluída no genero *Guettarda* das Rubiaceas. A terceira é a *Bauhinia variegata* L., chamada *arvore de S. Thomé*, por se julgar que as suas flores haviam sido tintas no seu sangue (*Dicc. des Sc. nat.*, II, 451). Nenhuma d'estas se pode no entanto identificar com a arvore da lenda.

e circumstancias da morte do Santo, relatadas nas effancias 112 a 117, concorda com a de Barros; mas não exactamente, com a que corria na India. O Poeta e o erudito e culto historiador, omittiram algumas circumstancias, que lhes pareceram menos litterarias, ou orthodoxas.

Gaspar Correia dá conta da devassa feita na costa de Coromandel, por Miguel Ferreira, sendo governador Nuno da Cunha, no anno de 1531; e a sua exposição concorda, salvo em pequenas differenças que pouco importam ao nosso exame, com a de Duarte Barbosa. Estes dois escriptores, mais singelos, deram-nos uma relação mais fiel das crenças populares, em que se envolvem algumas circumstancias curiosas. O milagre feito com o madeiro é contado quasi do mesmo modo; mas dizem-nos a mais que a sua ferradura se convertia em dinheiro, com que S. Thomé pagava aos operarios; e dão da morte do Santo, perfeitamente natural na narrativa de Barros e de Camões, uma nova versão. Segundo as tradições recolhidas na India, S. Thomé fôra morto casualmente por uns caçadores, quando orava entre pavões, ou estando elle mesmo na figura de um pavão, que muitas vezes tomava.

A tradição é antiga, como vamos ver. Pelos annos de 1348 ou 1349, visitou a costa de Coromandel um frade minorita, Fr. João de Florença, da familia Margnolli, que fôra enviado como legado do papa ao Gran Khan. Conta a historia da arvore, dizendo que havia sido cortada em Ceylão pelo santo, e da sua ferradura haviam nascido outras arvores *et de pulvere secaturae feminatae sunt arbores*; depois—na sua versão—o madeiro voga, milagrosamente encaminhado, até á costa da India. Ahi S. Thomé vem á praia, montado n'um burro, com um manto de pennas de pavão, acompanhado por dois grandes leões, e arrasta o lenho para terra. Finalmente o santo é atra-

veffado por uma frecha, quando orava entre pavões. Já meio ſeculo antes, Marco Polo referira as circumſtancias da morte exactamente do meſmo modo.

Se conſiderarmos a parte da lenda, que nos mostra S. Thomaz, como architecto occupado na construcção de palacios e de templos, ainda achamos mais antiga origem. Nos actos apocriphos dos apoftolos, attribuidos a Abdias, biſpo de Babylonia, ſe conta que o ſanto fôra para a India, comprado a Jeſus Chriſto por um certo rei Gundaphorus, — talvez o Gundophares das moedas indo-ſcythicas, — o qual, querendo edificar um palacio, mandara procurar no occidente um eſcravo, perito em architectura. Naturalmente o apoftolo occupa-ſe mais da erecção dos templos do espirito e da fé, que da edificação do palacio e acaba por converter o rei.

No officio ſyriaco dos Jacobitas da feſta de S. Thomaz, citado por Aſſemani, encontram-ſe traços que concordam com eſta lenda de Abdias.

Sem nos occuparmos agora de ſaber ſe a religião chriſtã ſe extendera á India, logo no primeiro ſeculo da egreja — o que é poſſivel, — ou ſó alguns ſeculos depois, e na fórma neſtoriana — de que existem numerosas provas; — o certo é que na lenda ha um fundo de grande antiguidade.

Sobre eſte trama ſimples, e evidentemente de origem chriſtã, ſe teceram depois no Oriente circumſtancias, que pertencem á mythologia indiana. Affim os *pavões*, ſão no mytho vedico, como nos diz o profeſſor Gubernatis, a representação do *ceo*, provavelmente por cauſa do azul brilhante da ſua plumagem. A transformação do ſanto em pavão, e a perſiſtente intervenção d'eſta ave na ſua lenda, circumſtancia que a principio parecia pueril, toma uma feição plauſivel e poetica, ſe admittirmos, que representa a elevação do ſeu espirito aos eſpaços ideaes e celeſtes, em quanto orava.

Do mesmo modo o madeiro milagroso, tão rico e creador, que a sua ferradura se volvia em ouro, ou gerava outras arvores, lembra-nos a arvore de Buddha, ou a *kalpadruma*, arvore essencialmente cosmogonica. Um traço da versão de Marignolli, que dá Ceylão, como a terra d'onde procedia o madeiro, indica-nos outra ramificação da lenda. Ceylão, na opinião de muitos e do proprio Marignolli, fôra o local do parayso. Estamos pois em presença da arvore do parayso, ou de Adão, sobre a qual tantas versões correram, cuja lenda se liga á da *arvore secca* da idade média, e á do lenho santo de que depois se fez a cruz. Em um antigo conto cyclico francez, do monge Andrius, se encontram circumstancias notavelmente semelhantes ás da lenda de S. Thomaz. Ahi Salomão manda cortar as tres varas de Moysés, para as empregar na construcção do seu templo; essas varas acham-se unidas em uma só e grande arvore, que cresce e decresce maravilhosamente de modo a não poder ser aproveitada. Depois da morte de Salomão, um certo Oriheus, quer tiral-a do templo, onde ficara em depósito. Vae lá com muita gente, mas não a pode mover. «*Lors i ala li prestres meisme à tout merveilheuse force de gent, mais onques ne le porent remuer.*» Fica assim intacta, até que, no tempo da paixão, Cayphaz manda fazer a Cruz de uma parte do tronco. É o mesmo fundo poetico, mostrando-nos o lenho, destinado a entrar em construcções celestes, e que se não pode empregar nos edificios reaes.

É certo que, no tempo de Camões, a interpretação poetica da lenda era absolutamente desconhecida, e por isso elle se contenta com dar a mais simples versão, e se cinge na parte relativa á morte do Santo, á narrativa sobria, e exempta de maravilhoso, do martyrologio christão¹.

¹ Cf.—Barros, III *Decada*, VI, 9.—Gaspar Correia, *Lendas*, III, 419

a 425.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 345 e 354.—Extractos do *Chronicon Boëmorum* de Marignolli em Yule, *Cathay*, 312 e seguintes.—Sobre a lenda do *arbre sec*, Yule, *Marco Polo*, I, 120.—Gubernatis, *La mythologie des plantes*, verba: *Arbre d'Adam*, *arbre de Buddha* et *plantes miraculeuses*.—Huc, *Le christianisme en Chine*, 14.

Leva pimenta ardente, que comprara :

IX, 14.

Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.

X, 123.

A pimenta é o fructo do *Piper nigrum* L., arbusto trepador, indigena do Malabar, cuja cultura se estende bastante pelas regiões orientaes. A pimenta longa é o fructo do *Piper officinarum* C. DC. (*Chavica officinarum* Miquel), indigena do archipelago malayo.

Sob as designações πῆπερι e *piper*, derivadas do nome sanskritto da pimenta longa, *pippali*, a conheceram os antigos: Theophrasto já dá relação de duas espécies, e Dioscorides diz que vinha da India; mas as descrições d'estes e outros escriptores gregos ou romanos são incompletas, e vê-se que tinham escassa noticia da droga, e nenhum conhecimento da planta. Plinio particularmente accumula as mais singulares inexactidões a respeito d'este vegetal. A primeira descrição da planta, aproximada á verdade, encontra-se na *Topographia Christiana* do monge Cosmas Indicopleustes, o qual, pelos meados do VI seculo, parece ter visitado a India, a uma parte da qual—o Malabar—chama o *paiz da pimenta*. Depois, durante a idade média, abundam as informações, dadas por diversos escriptores: o judeu hespanhol Benjamin de Tudela; o missionario Fr. Odorico,

que visitou grandes plantações de pimenta no *Minibar*, como elle lhe chama; o geographo arabe Edrifi; o bem conhecido Marco Polo; o viajante Ibn Batuta que, como Cosmas, dá a uma parte da India o nome de paiz da pimenta, *Belad el-Fulful*; e finalmente, não muitos annos antes da expedição de Vasco da Gama passar ao Oriente, o italiano Nicolo Conti ¹.

Como se vê, diversos escriptores haviam, antes das viagens portuguezas, dado exacta noticia da procedencia botanica e geographica da celebre especiaria. No entanto Garcia de Orta excede muito todos os precedentes, no rigor da descripção das diversas especies, e delimitação das regiões em que se creavam.

É bem conhecida a importancia, que a pimenta teve no commercio de Portugal com a India. Foi esta a especiaria que os nossos procuraram com mais ardor. Quando na costa africana descobriram uma nova pimenta, o *Piper Clusii*, logo a mandaram a Flandres, tentando competir com a mercadoria introduzida na Europa pelos italianos. Desde que passaram á India, ficou a verdadeira pimenta sendo a base do seu commercio e da sua riqueza. Em Portugal se consumia uma pequena parte, e o mais d'ella era levado aos mercados de Flandres e outros. A entrada em Antuerpia do primeiro navio portuguez, que conduzia directamente da India as ricas especiarias, foi um notavel successo commercial. Rumes e mouros, instigados e ajudados pelos venezianos, tentaram em vão reter o commercio nas

¹ Cf.—Theophrasto, *Hist. Pl.*, ix, 20, pag. 162.—Dioscorides, *Mat. Med.*, ii, 188, i, p. 298.—Plinio, *Hist. nat.*, xii, 14, i, p. 479.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 519.—Extractos da *Topographia Christiana*, em Yule, *Cathay*, clxvii, e na mesma obra *Travels of Friar Odo-ric*, 7⁵.—Ibn Batuta, *Viagens*, ii, 350.—Major, *India*, xlvii, e tam-
bem *Travels of Nicolo Conti*, 17.

suas mãos; cederam afinal e o monopolio ficou por longos annos na posse dos portuguezes ¹.

Se bem a cultura da planta estivesse muito generalizada no Oriente no tempo do nosso dominio, era na região do Malabar que se produzia a maior quantidade. Nos portos dos reinos de Cananor, Calecut, Cochim e Coulão, na costa que corre até ao cabo Comorin carregavam principalmente os nossos navios. Ahi se encontrava a ferra da Pimenta, o reino da Pimenta, ou de Chempé, e a ilha da Pimenta de que falla Camões, e aonde foi na sua primeira expedição. É notavel pois que o Poeta, na sua descripção da Ásia, não falle d'esta pimenta; mas da de Quedá, situado além do Ganges, mui longe do Malabar. Que em Quedá havia uma excellente qualidade sabemos nós, pois Duarte Barbosa diz, fallando d'esta localidade: «nele nase muyta e fermosa pimenta que dele levauom pera Malaca e China.» Vejamos que especie era. Das duas qualidades de pimenta, produzidas no Oriente, a longa foi sempre mais prezada do que a negra ou vulgar. No anno de 1340, Pegolotti feitor da casa commercial dos Bardi de Florença diz, que em Constantinopola se pesava a longa por um certo modo e entre as especiarias mais finas, e a vulgar entre as especiarias mais grosseiras. Do *Livro dos pesos* de Antonio Nunes se vê tambem que, na época do nosso dominio, o modo de as pesar em Ormuz era diverso. Em Cochim, principal mercado d'esta droga, valia—segundo Garcia de Orta—a *pimenta negra usual* a dois cruzados e meio o quintal, e a *longa* a quinze e vinte cruzados. Ora esta pimenta longa vinha de Bengala, e de regiões para além do Ganges, isto é dos lados de Quedá; e era rara, em

¹Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 171.—*Memoria sobre a mala-gueta*, 15.

Cochim porque ia *pera outros cabos*, provavelmente para a China, o que concorda com a afirmação de Duarte Barbosa; parece pois que a *fermosa* pimenta de que falla este escriptor e depois Camões, seria a longa. É bem natural que o nosso Poeta a conhecesse na China, para onde se dirigia a maior quantidade¹.

D'este exame resulta claramente que as paflagens dos *Lufiadas* são correctíssimas, e se trata na primeira do *Piper nigrum*, e na segunda do *Piper officinarum*.

¹ Barros, iv *Decada*, i, 11.—Gaspar Correia, *Lendas*, 1.—Couto, x *Decada*, vi, 15.—Duarte Barbosa, *Noticias*, ii, 363.—Yule, *Cathay*, 305, extractos do livro de Pegolotti.—*Livro dos pesos*, por Antonio Nunes nos *Subsidios para a historia da India portugueza*, por Felner, 8 e 15.—G. de Orta, *Colloquios*, loc. cit.

Bem junto delle um velho reverente,
Co'os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a feu costume estava ruminando.

vii, 58.

Refere-se aqui Camões á folha do *Piper Betle* L., que é o *betle* dos indianos, o *tembul* dos persas e arabes, e o *sirih* dos malayos. É muito antigo o uso d'esta folha na India, e vem já mencionado em inscripções sanskritas. O betle mistura-se com cal viva, feita de conchas, a que os malayos chamam *chunam*; e com talhadas do fructo da *Areca catechu* L., o *guváca* sanskrito, o *faufel* dos arabes, e o *pinang* dos malayos. Occasionalmente se lhe juntava camphora, como já diz Marco Polo, e ainda outras substancias aromaticas de que Garcia de Orta dá uma relação completa. Esta mistura fórma um mastica-

torio de que os povos da India e do archipelago ufavam e ainda ufam constantemente.

Pode-se comparar esta passagem do poema, com a curiosissima relação da primeira entrevista de Vasco da Gama, com o soberano Hindu, dada pelo anonymo auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, aonde falla da herva chamada *atambor*, que os *homens d'esta terra comem pela calma*. O nome aqui applicado á planta é uma corrupção do *tembul* arabe; sendo perfeitamente exacto o reparo feito pelos auctores das notas, de que os nossos, communicando com os naturaes por intermedio dos mouros, e tendo algum conhecimento da sua lingua, adoptaram mais vezes os nomes arabes das coisas que observaram, do que as designações das linguas indianas ¹.

¹ Cf.—Hooker, *Botanical magazine*, t. 3132.—Flück. and Hanbury *Pharmac*, 607.—Yule, *Marco Polo*, II, 311.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 37.—*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, 2.^a edição, por A. Herculano e o barão de Castello de Paiva, 57 e 156.

Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada:

x. 129.

É esta madeira, segundo Roxburgh e Royle, produzida pela *Aquilaria Agallocha* Roxburgh, da familia das Aquilarineas, indigena da Cochinchina e regiões vizinhas. Alguns suppozeram fer a de uma leguminosa, *Aloëxylum Agallochum* Loureiro, planta da mesma região e pouco

conhecida. Inferiores qualidades são produzidas pela *Aquilária secundaria*, e outras espécies¹.

Foi um dos perfumes mais celebrados pelos antigos, e vem mencionado nos livros dos Numeros e dos Psalmos. Um dos nomes usados pelos gregos *αγαλλοκον*, parece derivar-se do arabe *agaludschin*, que se prende talvez a um dos nomes sanskritos *aguru*, tendo assim passado das linguas indo-europeas ás semíticas, e d'estas de novo ás indo-europeas. Em quanto ao outro nome grego *αλον*, e ao latino *aloes*, liga-se ao arabe *alloüat*, e ás formas hebraicas *ahalim* e *ahalot*. Os portuguezes lhe chamavam *madeira de aloes*, ou *linaloes*, por contracção de *lignum aloes*; *calambac* e *garo*, que são os nomes malayos; e *páo de aguila*, por semelhança de som com um dos nomes arabes. Esta ultima designação, mal entendida, converteu-se em *páo de aguila*, *bois d'aigle* e *eagle wood*. De modo que se chamou *madeira de aloes*, sem ter semelhança com o verdadeiro *aloes*, e *madeira de aguia* sem ter relação de especie alguma com as aguias².

A madeira—e não a planta—foi bem conhecida na idade média; d'ella fallam Cosmas, Maçudi, Pegolotti, Ibn Batuta e outros. Aos nossos tambem foi familiar. Duarte Barbosa chama *aguila* a qualidade mais ordinaria, e *lenho aloes verdadeiro* a mais fina, pesada e negra. Garcia de Orta, escreve sobre o *linaloes* um longo capitulo, um tanto confuso. Dá porém uma descripção exacta da madeira e suas variedades. Emquanto á planta, declara que a não vira, porque a região onde cresce permanecia

¹ Cf.—De Candolle, *Prodromus*, xiv, 601.—Guibourt, *Hist. nat. des drogues simples*, iii, 337.—Loureiro, *Flora Cochinchinensis*, i, 267.—Rumphius, *Herb. Amboinense*, ii, 29, ed. de Burmannus.

² Sobre os nomes antigos, cf.—Sprengel, *Comment*, in *Diosc.*, ii, 360.—Rumphius, loc. cit.

inexplorada, e o seu aceso era mui difficil por causa dos tigres. Barros tambem diz de Campá e Cauchii China «o qual acerca de nós é o menos sabido reino d'aquellas «partes», e o nosso Poeta lhe chama *Cauchichina de escura fama*. Do mesmo conhecimento imperfeito se queixa Rumphius um seculo mais tarde; e ainda hoje o interior da Indo-China, permanece uma das partes menos conhecidas do globo, restando algumas duvidas sobre a identificação botanica da madeira de Aloes.

A designação de Champá applicava-se no tempo de Camões a uma região affaz vasta, que abrangia uma boa parte da costa oriental do golfo de Sião. Duarte Barbosa chama-lhe ilha, o que não admira, pois em seu tempo a costa para além de Malaca estava pouco corrida, e muitas vezes os navegadores tomaram por ilhas, porções de continente de que ignoravam as ligações; e diz que ali: «nafe «muyto lenho aloes ha que os Indios chamaom Aguila «Calámbua.»

De feito é de Champá, que tem sempre sido exportado este perfume. No x seculo, Maçudi, no seu curiosissimo livro dos *Prados de oiro*, falla do aloes chamado *sinfi* produzido nas costas do mar de *Sinf*. E do aloes *sanfi* trata tambem Avicena no *Canon*. Ora este mar do *Sinf*, ou *Sanf* dos geographos arabes era o golpho de Sião, e a região do *Sinf* identifica-se com Champá. Da mesma região e do mesmo producto fallou tambem na idade média Marco Polo; e a estas indicações, anteriores a Camões, podemos accrescentar as que dá um seculo depois Rumphius, o qual affirma, que o verdadeiro e bom *Calambac* só se produzia na região de Tsjampáa. Vê-se pois quanto é exacta a noticia dada pelo Poeta ¹.

¹ Cf.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 373.—Barros, I *Década*, IX, 1.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 118.—Yule, *Cathay*, 95 e *Marco Polo*, II, 212.—Maçudi, *Les prairies d'or*, tr. de Barbier de Meynard et Pavet de Courteille, I, 330.—Rumphius, loc. cit.

..... e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco,.....

IX, 14.

Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
Cume que lança as flammaz ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente
Co'o fangue portuguez inda compradas;

X, 132.

O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus* L. (*Eugenia caryophyllata* Thunberg); arvore indigena unicamente das cinco pequenas ilhas Molucas; as duas mais importantes das quaes menciona Camões. Hoje está a sua cultura bastante espalhada pelas regiões quentes do globo.

As conhecidas designações de καρποφυλλον, *caryophyllum* ou *garyophyllum* tem-se referido á fôrma de nóz, que apresentam as petalas no botão, mas parecem antes derivar-se de algum nome arabe, como *karumpfel*. Não foi conhecido, ao que se julga, dos antigos, e a menção que se encontra no livro de Plinio é muito duvidosa. Nos seculos seguintes temos referencias, mais seguras, nos escriptos de Cosmas, e de Paulo Egineta.

Durante a idade média foi uma mercadoria conhecida, posto que rara, concorrendo a Acra na Palestina, que então era um grande mercado, e sendo d'ahi levado pelos italianos aos portos de Marselha, Barcelona e outros. A planta porém não foi observada, o que não admira porque estava localisada nas Molucas, em uma parte remota, e pouco visitada dos archipelagos orientaes. Por isso os viajantes fallão do cravo de modo confuso e incorrecto: assim Marco Polo diz ser um producto de Java, no que se enganou; e o incansavel viajante Ibn Batuta, afirma ter visto a arvore, o que não é provavel, pois confundiu tudo,

e suppoz que o fructo d'essa arvore era a *noz muscada*. A mais exacta noticia é a de Nicolo Conti, o qual diz que o cravo vinha a Java de uma ilha do meio dia, situada a quinze dias de viagem; e unicamente se engana no nome que dá á ilha¹.

Logo nos primeiros annos em que passaram á India, os portuguezes encontraram o cravo nos mercados do Malabar, de Ceylão, de Malaca e outros aonde desde remotos tempos o traziam os barcos malayos, e os juncos chins.

No anno de 1511, depois da tomada de Malaca, mandou Affonso de Albuquerque descobrir as ilhas de Maluco por Antonio de Abreu e Francisco Serrão. Um pouco mais tarde foi Antonio de Brito fazer uma fortaleza em Ternate, e passados annos tomaram os nossos definitivamente posse das ilhas. É certo porém que, pelo caracter inquieto e corajoso dos habitantes, tiveram ali grandes difficuldades, comprando muitas vezes o cravo com o seu sangue, como diz Camões. Visitadas as ilhas, tornou-se familiar a todos os nossos navegadores o aspecto da arvore, o processo da colheita e conservação do cravo, e a natureza do chamado *fuste* ou *bastam*².

A importancia da mercadoria, que occupava no nosso commercio talvez o segundo logar, sendo apenas inferior á da pimenta, explica o interesse que se ligou á posse

¹ Cf.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 250.—Plinio, *Hist. nat.*, xii, 7, 1, p. 479.—Sobre os nomes antigos. Rumphius, *Herb. Amb.*, ii, 3.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Clusius, *Exoticor.*, 348.—Veja-se tambem Yule, *Cathay*, clxxvii e 472.—Marco Polo, ii, 217 e 248.—Ibn Batuta, *Viagens*, ii, 345.—Major, *India, Travels*, 17.

² Cf.—Duarte Barbosa, *Noticias*, ii, 371 e 384.—Barros, iii *Decada*, v. 5.—Gaspar Correia, *Lendas*, ii.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Mais detalhada noticia da cultura se encontra em Rumphius, *Herb. Amb.*, ii, 5.—O fuste já é mencionado no xiv seculo por Pegolotti *fusti di gherofani*, Yule, *Cathay*, 305.

de Maluco. E este interesse mais se avivou quando a posse nos foi disputada. De feito, depois da viagem de Fernando de Magalhães, a côrte de Madrid levantou pretensões ao dominio d'aquellas ilhas, julgando haver chegado ao celebre meridiano, que separava as conquistas de Portugal das de Castella. Para dar satisfação ás representações de Portugal, se reuniu na fronteira uma conferencia diplomatica e scientifica; mas apesar de Garcia de Orta nos dizer, que por observações de eclipses se reconheceu estar Maluco mais de duzentas leguas para dentro da conquista de Portugal, o certo é, que as determinações de longitudes eram então por tal modo duvidosas, que a conferencia não pôde chegar a um accordo, e Portugal teve de comprar a posse tranquillã das Molucas. A historia completa d'esta curiosa questão se pode ler em uma eruditissima nota do fr. João de Andrade Corvo, recentemente publicadã¹.

Voltando aos *Lusiadas* vê-se que a menção das ilhas de Tidore e Ternate, como terras productoras do cravo, é da mais rigorosa exactidão.

¹ Cf.—Barros, iii *Decada*, v. 8, 9 e 18.—G. de Orta, *Colloquios*, 101.—Corvo, *Historia da linha de demarcação, que repartia o mundo entre Portugal e Castella*, no *Jorn. de Scienc. Math.*, etc., num. xxviii.

A secca flôr de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo,.....

IX, 14.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto;

As aves variadas, que alli faltam,
Da verde noz tomando seu tributo:

x, 133.

A *noz muscada*, é a femente da *Myristica fragrans* Houttuyn, arvore de medianas dimensões, que habita particularmente as feis pequenas ilhas de Banda, e algumas regiões vizinhas, como Gilolo, Amboina e outras. A *arilha*, que envolve a femente, é conhecida pelos nomes de *maça*, *macir* ou *macis*.

No *Pseudolus*, comedia de Plauto, escripta perto de dois seculos antes de Christo, apparece uma referencia ao *macer*; e depois Dioscorides, Galeno e Plinio fallam de uma droga pelo mesmo nome. Julga-se porém que essa substancia seria differente da que nos occupa. Tal era já a opinião de Christovão da Costa, que diz applicar-se aquelle nome á casca de uma arvore do Malabar; e tambem a de Garcia de Orta, o qual faz mesmo a tal respeito uma observação engraçada, que mostra por um lado a consideração que ainda havia pela sciencia grega, e por outro, como as viagens começavam a emancipar os espiritos d'essa sujeição. Diz assim: «Eu estando em Hespanha, não ousaria de dizer alguma cousa contra Galeno, e contra os Gregos.»

Admittindo pois, como parece provado, que o *macer* dos antigos era coisa diversa, encontramos a primeira menção d'essa femente, sob o nome de *nuces indicæ*, nas receitas do medico Aëtius, do anno proximo de 540. Maçudi no x seculo, cita as muscadas como um dos productos das ilhas orientaes do mar de Sinf; e mais tarde Kazwini—citado na *Pharmacographia*—diz expressamente que vinham das Molucas.

Os escriptores arabes de materia medica, Avicena e Serapio, e os viajantes Marco Polo e Ibn Batuta tambem a conheceram; mas imperfeitamente, e a passagem

do ultimo é especialmente incorrecta. Penetrava, durante a idade média, na Europa pelo commercio do Mediterraneo, porém em pequena quantidade, sendo o seu preço elevadissimo, pois em Inglaterra, no anno de 1377, duas libras de maçã valiam quasi tanto como uma vacca¹.

Depois de Antonio de Abreu e Francisco Serrão terem visitado as ilhas do pequeno grupo de Banda, começaram os portuguezes a frequentar-as, familiarisando-se com o aspecto da arvore, sua cultura e natureza dos seus productos. Duarte Barbosa dá noticia da *noz*, e *maçã* de Bandam²; e Garcia de Orta dá uma descripção correctissima da planta, como se pode bem julgar, comparando-a com a do minucioso Rumphius. A descripção de João de Barros tambem é detida, e o quadro que pinta da vegetação e aspecto de Banda, um dos mais graciosos, que nos deparam as *Decadas*. Este quadro é seguido mui de perto pelo nosso Poeta. *A varia côr que pinta o roxo fructo*, vem descripta por Barros, dizendo que a noz amadurece como os pessegos calvos, tingindo-se a modo de arco iris. E depois acrescenta: «E porque n'este tempo que começam amadurecer, acodem da ferra, como a novo pasto, muitos papagaios e passaros diversos, he outra pintura ver a variedade da feição, canto e cores, de que a natureza os dotou.» O que lembra *as aves variadas que alli saltam* de Camões. Se o Poeta—sobre o que ha duvidas—não visitou a ilha, in-

¹ Cf.—Flück. and Hanb. *Pharmac.* 451.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 130.—Christofori Acofta *Aromatum*, no *Exotica* de Clusius, 264.—Maçudi, *Prairies* 1, 341.—Yule, *Marco Polo*, II, 217.—Ibn Batuta, *Viagens*, II, 345.—Rogers, *Hist. of agr. and prices in England* citado na *Pharmacographia*.

² Alguns dos nossos escriptores não comprehenderam, como era natural, a natureza da *semente*, *arilha* e *fructo* da planta, e Barbosa diz; que a noz é o fructo, sobre o qual está a maçã á maneira de flor; do mesmo modo Camões chama á maçã, *secca flor de Banda*.

spirou-se na descripção do grande profador seu contemporaneo, que naturalmente conhecia quando escreveu o decimo canto ¹.

¹ Cf.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 370.—G. de Orta, *Colloquios*, 128.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 14.—Barros, III *Decada*, v, 6.

Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

x, 133.

A camphora de Bornéo é produzida pela *Driobalanops aromatica* Gäertn., arvore de grandes dimensões, da familia das Dipterocarpeas, natural de Bornéo e de Sumatra. No sul da China, Formosa e Japão se obtem camphora de uma arvore inteiramente diversa, o *Laurus camphora* L.

A primeira menção d'este perfume vem incluída n'uma receita do medico Aëtius de Amida, o qual a manda juntar a um certo preparado, se a houver; e esta curiosa indicação historica já se encontra mui correctamente exposta nos *Colloquios* do nosso Garcia de Orta. Depois temos muitas provas da grande estima em que foi tida: existia nos thesouros dos reis da Persia, e dos kalifas do Cairo; e fez parte de um rico presente enviado ao papa Bento XII pelo Gran Khan. Encontram-se noticias da camphora em muitos escriptores arabes, e entre outros em Maçudi, que celebra á especie do paiz de Kanfur. Edrisi dá uma indicação sobre a arvore relativamente exacta; mas Ibn Batuta dá uma descripção muito errada da planta,

que diz ser semelhante ás cãnnas, confundindo, provavelmente, a camphora com o *tabaschir* dos bambús; conta também que ao pé d'este vegetal se derramava o sangue das victimas, sem o que não se produzia a secreção. Conti diz igualmente, que se faziam certos sacrificios para este fim; e Maçudi, já citado, affirma que a camphora era mais abundante em annos de trovoadas e tremores de terra. Como se vê, rodeava-se a producção de certas circumstancias mysteriosas.

Marco Polo observou no ful da China a camphora do *Laurus camphora*, e depois em Sumatra a do *Driabalanops*, e diz que esta—a *Fansuri*—valia o seu peso de ouro. Estas duas qualidades conheceram depois os nossos muito bem, como se vê do *Livro* de Duarte Barbosa, e do de Antonio Nunes, e melhor dos *Colloquios*. Aqui se encontra a distincção rigorosa entre as *duas camphoras*, e a asserção exacta de que a de Bornéo era quasi desconhecida na Europa, o que resultava da estimacção em que a tinham no Oriente, e da enorme differença de preço entre uma e outra. Esta differença ainda se conserva, pois um *pikul* de camphora boa da China vale 20 dollars, e o mesmo peso da de Bornéo 2:000, d'onde resulta que quasi toda a que hoje se encontra no commercio é da China, Formosa ou Japão, isto é, produzida pelo *Laurus*. Também Orta nos diz que a boa era a de *Bairros*; e este nome—que se deve ler *Barus*—identifica-se com o celebrado *Fansur*, porto de Sumatra, por onde effectivamente durante tres seculos se exportou a melhor *Kapur-fansuri*.

Do modo porque a arvore creava a camphora, também Orta dá boa relação. Havia examinado diversos exemplares, e, entre outros, um grosso madeiro, enviado de presente a D. João de Castro: ahi tinha observado que a camphora era gomma e não miolo, e *suava* pelas gretas ou fendas da madeira. De feito o *borneol* exfuda

para as fendas do lenho, e ahi se solidifica em massa semi-cryftallina, n'umas lagrimas ou gottas pequenas. É isto que Camões pintou com admiravel exactidão scientifica, e felicissima escolha de termos, chamando-lhe *lagrimas no licor coalhado e enxuto* ¹.

¹ Cf. —Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 458.—*Aetii medici Gr. tetra-biblos*, 910, citado por Yule.—Yule, *Cathay*, 357, e *Marco Polo*, II, 244.—Maçudi, *Prairies*, I, 338.—Edrifi, *Géographie*, I, 80, trad. de Amedée Jaubert.—Ibn Batuta, *Viagens*, II, 344. A versão de Moura é aqui deficiente.—Major, *India*, 15.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 384.—*Livro dos Pesos*, 9 e 14 nos *Subsidios* de Felner.—G. de Orta, *Colloquios*, 41.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalu salutifero, e cheiroso;

x, 134.

É a madeira do *Santalum album* L., arvore da familia das Santalaceas, que se encontra espontanea em algumas partes da India, varias ilhas do archipelago malayo e Timor.

Sob o nome sanſkrito *chandana*, que os arabes converteram em *sandal*, vem mencionado no *Nirukta*, antigo commentario vedico, escripto pelo v seculo antes de Christo; e tambem nos poemas epicos *Ramayana* e *Mahabharata*, que pertencem, em parte, á mesma época.

É duvidoso se os povos da bacia mediterranea conheceram esta madeira nos tempos remotos. Todos se recordam do celebre paiz de Ophir, para onde navegavam as frotas de Salomão e do seu alliado Hiram. Essas frotas trouxeram oiro, prata, marfim, bogios e pavões; e

tambem uma madeira preciosa, que alguns julgaram ser o sandalo. O professor Max Müller inclina-se a esta opinião; e vê nos nomes hebraicos da madeira, *algum* e *almug*, que lhe não parecem semíticos, corrupções de um dos nomes sanskritos do sandalo, *valgu-ka*. Se o poderoso rei da Judéa recebia da India aquelle lenho, perdeu-se depois o seu conhecimento, e só muitos seculos mais tarde se encontram menções no *Periplo do mar Erythreo*, e depois na *Topographia* de Cosmas, onde se diz que era importado em Ceylão.

Maçudi no x seculo, enumera o sandalo entre os productos preciosos do paiz do Maharadja, ou rei das ilhas, parecendo querer assim referir-se á madeira do archipelago, e não á da India. Serapio o moço; conhecia tres especies d'este lenho, porém é difficil decidir quaes eram ¹.

Os nossos escriptores distinguiram bem, e pela primeira vez, as especies de sandalo e o seu valor, como se vê do *Livro* de Barbosa, e melhor dos *Colloquios*. Ahi Garcia de Orta mostra que o sandalo *branco* e o *amarello*, ou *citrino*, eram mui semelhantes, mas que o *vermelho* não cheiroso, e de menor valor, era produzido por differente arvore; e de feito é, o lenho de uma leguminosa, o *Pterocarpus santalinus* L. fil. De modo que estas distincções, antes confusas, se encontram correctamente expostas nos livros portuguezes. N'estes e na obra posterior de Rumphius, só se falla do sandalo de Timor e terras proximas; e mui levemente e em duvida do da India. As arvores de Myfore e outras partes da península Indo-gangetica eram então mal conhecidas, e Timor

¹ Cf. — Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 540. — Max Müller, *Lectures on the science of language*, 1 series, 210. — Yule, *Cathay*, CLXXVII. — Maçudi, *Prairies*, 1, 341.

o paiz classico do fandalo¹, o que mostra que a passagem dos *Lusiadas* é perfeitamente exacta.

¹ Cf.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 370 e 384.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 185.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 42.

..... e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella móra;
x, 135.

Falla aqui Camões de duas substancias, do *benjuin*, e da *myrrha*, com que o compara, julgando-o superior.

Este *benjuin* é a resina de uma pequena arvore das florestas de Java, e de Sumatra, o *Styrax Benzoin* Dryander; em quanto á droga do mesmo nome, proveniente de Sião, não está bem tirada a limpo a sua procedencia botanica.

Não foi esta substancia conhecida dos antigos, e a primeira menção, que d'ella se encontra,—segundo consta das investigações dos eruditos auctores da *Pharmacographia*,—vem no livro, tantas vezes citado, de Ibn Batuta. Este viajante falla-nos do *incenso de Java*, e o nome por elle empregado, commum entre os arabes, *lúban jaud*, é a origem das designações hoje usadas, tendo-se convertido em *banjaua*, *benjuin*, e outras fórmulas semelhantes.

Em tempos pouco anteriores ás viagens portuguezas, vinha á Europa pequena quantidade d'este caro e estimado perfume. Apenas consta, que os Soldões do Egypto incluíram algum benjuin em ricos presentes, envia-

dos no xv seculo aos doges de Veneza, Pascual Malipiero e Agostinho Barberigo, e á celebre Catharina Cornaro, rainha de Chypre.

O *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* é o primeiro livro portuguez, em que vem mencionada esta substancia. É notavel a grande copia de informações, algumas na verdade confusas e inexactas, que o auctor do *Roteiro*, pessoa pouco illustrada, conseguiu obter durante a sua curta demora na India. Pena é, que não desse mais circumstanciada noticia d'aquelle homem que ali encontrou, que fallava portuguez, e lhe forneceu tantas informações.

Em quanto ao benjuin, diz-nos o anonymo escriptor, que o havia branco e preto no reino de *Pegúo*; e que em *Xarnauz* havia tambem muito *bejoim* e muito *aloe*. Os auctores das notas ao *Roteiro*, inclinaram-se a identificar esta ultima localidade com a ilha de Bornéo, suppondo que ali se produziam aquellas drogas; mas esta opinião é insustentavel, e o anonymo refere-se evidentemente a Sião. Como vimos, a madeira de aloes é uma producção especial da costa de Champá, proxima a Sião, n'este reino ha tambem benjuin, e demais o nome não deixa duvida: *Xarnauz*, que mais tarde Fernão Mendes Pinto usa na fórma *Sornau*, é a transcripção, bastante exacta, do nome persa *Shahr-i-nao*, que significa *nova cidade*, e pelo qual Sião foi conhecido dos mercadores do Oriente, durante seculos.

O benjuin de Sião tambem é citado por Duarte Barbosa, o qual diz que os mouros lhe chamavam *luban*, o que é exacto, e accrescenta que d'elle faziam *estoraque* no Levante, no que se engana. Igualmente affirma que em Çamatra nasce muito bom *bejoim*.

Os auctores do excellente livro *Pharmacographia*, reconhecem que Garcia de Orta «*was the first to give a lucid and intelligent account of benzoin.*» De feito

todo o capitulo do nosso auctor é curiofo. Começa por distinguir o *benjuy amendoado* de Sião e Martaban; droga effectivamente especial, que hoje se exporta principalmente pelo porto de Bangkok, e sobre cuja procedencia botanica ainda, como vimos, restam duvidas. Depois falla da droga mais negra de Samatra, á melhor da qual chamavam *benjuy de boninas*. Dá em seguida uma boa descripção da arvore, de que vira troncos e folhas conservadas em vinagre; e igualmente uma exacta indicação sobre a gomma, e modo de a recolher, fazendo incisões nos troncos.

Como se vê é correcta a passagem de Camões, tanto sobre a refina cheirosa, que o tronco exfuda ou *chora*, como relativamente á sua procedencia de Sumatra¹.

¹ Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.*, 361.—Ibn Batuta, *Viagens*, 1, 343, e *Cathay*, 469.—*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, 109, 112 e 163.—Duarte Barbosa, *Noticias*, 367, 368, 384.—Garcia de Orta. *Colloquios*, 8.

Nos versos, acima citados, falla Camões da filha de Cinyras, a celebrada Myrrha, a quem a fabula deu tão má fama.

A refina d'este nome é produzida por uma pequena arvore da familia das Burseraceas, a *Balsamodendron Myrrha* Nees von Esenbeck, que cresce na Arabia; obtendo-se igualmente da mesma especie, ou de outras semelhantes, nas terras da margem africana do mar Vermelho.

Lembra naturalmente, ao fallar d'esta substancia, o conhecido presente dos reis Magos, em que a myrrha, segundo antigos hymnos lithurgicos, representava o homem.

*Offert Aurum caritas,
Et Myrrham austeritas,
Et Thus desiderium.
Auro Rex agnoscitur,
Homo Myrrha, colitur
Thure Deus gentium.*

Muito antes d'esta data vem a *myrrha* mencionada nos livros Mosáicos, e nas obras dos gregos, por exemplo, nas de Theophrasto, o qual mui claramente a distingue do incenso.

Garcia de Orta faz a mesma distincção, e cita dois nomes da substancia: o de *mirra*, que é o grego *μύρρα*, e vem do hebraico *mur*; e o de *bolla*, usado no Oriente, que se liga á forma sanskrita *vola*, e á coptica *bal*.

Tambem tinha sobre a sua procedencia idéas muito claras, pois sabia que vinha da Arabia, e igualmente da Ethiopia, ou terra do Abexim; mas nunca pôde saber da origem botanica a verdade, nem como a arvore era feita. Unicamente averiguou que os *bedoins*, gente montez, e fallando o arabio puro, a traziam a Brava e a Magadaxo por terra. Como se vê, estas informações eram,—para aquelle tempo,—muito completas, e pouco mais se soube nos seculos seguintes, pois as plantas só foram descriptas nos nossos dias, e ainda assim de modo imperfeito ¹.

Camões, dando-lhe por patria a Arabia, é, como sempre, correctissimo; e muito mais que Garrett, o qual no seu *Camões*, com liberdade poetica faz crescer a arvore na India:

¹ Cf.—Oliver, *Flora of Tr. Afr.*, I, 325.—Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 124.—Yule, *Marco Polo*, I, 76.—Theophrasto, *Hist. pl.*, IX, 4 pag. 144.—Sprengel, Comment. in *Diosc.*, II, 371.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 214.

Os echos das foidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo
No fufurro das folhas recedentes
A filha de Cinyras murmurava;

Mas bem se pode perdoar a leve incorrecção botânica,
envolvida n'estes versos, admiraveis e de todo o
ponto dignos do Poeta que os inspirou.

Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das agoas-soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

x. 136.

A historia d'esta planta é muito curiosa. É uma palmeira de grandes dimensões, a *Lodoicea Seychellarum* Labill., que tem uma habitação muito restricta, pois só se encontra no pequeno grupo das Seychelles, e ahi apenas na ilha Praslin, e duas mais. Como estas ilhas fiquem muito empégadas no mar das Indias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente seguia o canal de Moçambique, permaneceram desconhecidas, até ao seculo passado, e desconhecida por tanto a *Lodoicea*. Não assim os seus fructos, cocos de notavel grandeza, que caindo ao mar eram levados para o oriente pelas correntes maritimas, ajudadas em parte do anno pela monção de SW. Occasionalmente eram arremessados ás praias em differentes regiões, e mais particularmente na extensa corda de innumeradas ilhas baixas e *atolls*, conhecidas com o nome de Maldivas. Como era natural, estes enormes cocos fluctuantes attraíam a at-

tenção, sendo os naturaes que os achavam obrigados sob graves penas, a entregal-os aos seus reis ou chefes; e naturalmente tambem, vendo-os sobre as aguas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os creava, suppozeram-os produzidos por vegetaes submarinos, chamando-lhes *cocos do mar* e *cocos das Maldivas*.

Não encontro nas relações dos viajantes da idade média noticia d'este coco. O proprio Ibn Batuta, que não fô esteve nas Maldivas, mas ali se demorou anno e meio, casando e sendo nomeado Kadi, não dá relação d'elle, dando aliás uma longa descripção das ilhas. Nos escriptores portuguezes encontra-se mencionado com frequencia, e Barros diz, que nas Maldivas: «em algumas partes de baixo da agua salgada nasce outro genero d'ellas (palmeiras), as quaes dão um pomo maior que o «coco.» Garcia de Orta conta que, segundo a fama commum, os palmares se haviam alagado, e as velhas palmeiras submersas creavam aquelles grandes e duros cocos; não parece porém dar completo credito a esta versão, promettendo indagar a verdade do caso, quando fosse ao Malabar. No anno de 1690, mais de um seculo depois de Camões, ainda Rumphius, um notavel naturalista, acreditava na origem submarina d'estes fructos. Dá, no seu livro, uma longa descripção d'este producto maravilhoso «*hujus miri miraculi naturae, quod princeps est omnium marinarum rerum quae rarae habentur*», e conta as curiosas lendas que sobre elle corriam.

Segundo uma das mais interessantes, só havia no mundo uma d'estas arvores, situada n'um abysmo ou pégo profundo para o sul de Java; a sua copa emergia das aguas, e ahi poufavam ou faziam ninho os *gerudas*, aves que nas garras arrebatavam elephantes, rhinocerontes e outros animaes de igual jaez. Bem poucos homens a haviam visto, porque a sua aproximação era perigosa, e

a arvore retinha, ou atraía os navegadores, que depois ferviam de pasto aos *gerudas*.

Envolve-se aqui com a lenda do *paufengi*—que assim chamavam a arvore—a persistente lenda da existencia de uma ave collosal, o *geruda* dos hindus, o *simurgh* dos persas, o *angka* dos arabes, e o *roc* ou *ruch*, com que o conhecido Sindbad passou tão estranhas aventuras, que Ibn Batuta viu ao longe nos mares do Oriente, e que Marco Polo affirmou existir em Madagascar.

Voltando porém ao *coco do mar*, ve-se que as opiniões eram accordes, no tempo do nosso Poeta, e muitos annos depois, em o julgar o fructo de uma planta, creada no *profundo das aguas*¹.

Pelas suas virtudes medicinaes, tambem foi geralmente conhecido, e particularmente notado como antidoto. Barros diz, que era mais efficaz contra a peçonha do que a pedra *bezoar*, e Orta conhecia a fama das suas qualidades, mas não tinha d'ellas experiencia propria, pois tendo á sua disposição *bezar*, *triaga*, *terra segillata* e outras mézinhas boas, declara não o haver empregado, e não affirmar senão o que sabe: *sendo testemunha de vista*, ou *por pessoas dignas de fé*.

Mas que era celebrado não ha duvida, e muito procurado. Da India vinham estes cocos para a rainha de Portugal; e na Europa, montavam-se em prata e oiro, como um que figurou Clusius na sua versão latina do livro de Orta. Um certo almirante hollandez, Wolferio Hermano, que no anno de 1602 commandara uma acção nos mares de Bantam, contra a esquadra portugueza de André Furtado de Mendonça, possuia um d'estes co-

¹ Cf.—Sobre a descripção da planta, Hooker, *Botan. mag.*, t. 2734.—Sobre as opiniões antigas, Barros, III *Decada*, 7.—G. de Orta, *Colloquios*, 70.—Rumphius, *Herb. Amb.*, VI, 210.—Sobre a lenda das aves, Major, *India*, xxvi.—Yule, *Marco Polo*, II, 349.

cos; e por sua morte o imperador Rodolpho II, chegou a offerecer por elle aos herdeiros, quatro mil florins, porém estes não quizeram ceder o precioso fructo, unico que então existia na Hollanda¹.

Tal era a sua reputação de *antidoto excellente*.

¹ Cf.—Rumphius, *loc. cit.*—Orta, *loc. cit.*—Clusius, *Exoticorum*, etc. 193.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
x, 137.

Do succo amargo das folhas de diversas especies de *Aloë*, plantas carnosas da familia das Liliaceas, se obtem esta droga. A especie mais conhecida, *Aloë Socotrina* Larmark, habita a ilha d'onde tirou o nome, assim como outras regiões vizinhas ao mar Vermelho, e parte occidental do mar das Indias.

Celso, Dioscorides e outros auctores gregos e latinos conheceram esta substancia, dando-lhe o nome de *αλωες* e *aloes*, derivado — segundo Sprengel — do syriaco *alwai*. Os portuguezes lhe deram o mesmo nome, assim como o de *herva babosa*, pela abundancia de succo de suas folhas; e antigamente o de *azevre*, do arabe *saber* ou *af-saber*.

Desde remotos tempos foi Socotorá, a terra classica do aloes. Esta ilha é a *Dioscoridis* dos gregos, nome que nenhuma relação tem com o do celebre naturalista, e se deriva do sanskrito *Dvipa-fukadara*, contraído em *Diuscatra*.

Entre os escriptores arabes correu uma curiosa histo-

ria, fobre a cultura do aloes n'aquella ilha. Encontra-se nas *Relações da India e da China* de dois viajantes mahometanos, que datam do ix seculo, e foram publicadas por Renaudot no passado; e, com ligeiras variantes, nos *Prados de oiro* de Maçudi, e na *Geographia* de Edrifi. A sua substancia é a seguinte. Aristoteles recommendara a Alexandre que procurasse a ilha que produzia o aloes; effectivamente este, de volta da India, mandou ou foi a Socotorá, e, por conselho do seu mestre, defferrou d'ali os habitantes, e fundou uma colonia de ionios, para especialmente cuidarem da cultura da famosa planta. Mais tarde a colonia grega abraçou o christianismo.

Sob circumstancias fabulosas, deve aqui haver um fundo de verdade, em quanto á antiga cultura da planta, e talvez ao estabelecimento de uma colonia grega, a que Cosmas já allude no vi seculo.

No que diz respeito á remota introdução do christianismo n'aquella ilha, não existe duvida alguma. Além das indicações citadas, temos as affirmações de Marco Polo, que ali achou estabelecido um arcebispo, independente do papa, e fugeito ao arcebispo de Baudas, a de Nicolo Conti, e varias outras.

A Portugal haviam chegado noticias d'estes christãos, e os capitães portuguezes levaram ordem de os procurar e proteger contra a oppressão dos arabes e turcos. João de Barros falla muito d'estes christãos; mas parece, segundo Duarte Barbosa, que os vestigios de religião eram já no seu tempo escassos. Gaspar Corrêa conta, com a sua habitual ingenuidade, que, quando ali aportou Tristão da Cunha em 1507, os habitantes vieram aos nossos, e se chamavam christãos, porque os frades e o capitão mór lhes davam pannos, e lhes faziam bom trato, mormente ás mulheres, que nos portuguezes achavam boa conversação.

Do livro de Marco Polo, e das asserções de Conti,

deprehende-se que estes christãos eram nestorianos; mas João de Barros diz mui espresamente que eram *jacobitas da casta dos Abexiis*; e diversas circumstancias, como a pratica da circumcissão, e outras, parecem favoraveis a esta opinião, que o erudito Yule se mostra disposto a acceitar. Fosse qual fosse a origem do christianismo, estava este quasi apagado, reduzido a algumas praticas grosseiras, e os habitantes caídos n'um estado de rude selva-geria, quando os nossos tomaram conta da ilha.

Continua hoje esta decadencia, e a cultura do *aloes*, que se introduziu e tem prosperado nas colonias inglezas do Cabo, e na America, pouco tem progredido, se não tem quasi desaparecido da sua antiga patria. No tempo de Camões, conservava porém a reputação, que tornara a ilha famosa ¹.

¹ Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.*, 616.—Sprengel, *Comment*, in *Diosc.*, II, 503.—Maçudi, *Prairies*, III, 36.—Edrifi, *Geogr.*, I, 47.—Yule, *Cathay*, 168, e *Marco Polo*, II, 342.—Barros, II *Decada*, I, 3.—Galpar Correia, *Lendas*, I, 684.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 263.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
 Parte tambem co'o o páo vermelho nota;
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
 X, 140.

Refere-se aqui Camões ao *páo brazil* da America, produzido por diversas arvores do genero *Cæsalpinia*, da familia das Leguminosas, e por outra arvore da mesma familia, o *Peltophorum Linnaei* Benth.

A historia d'este nome *brazil* é interessante, e merece algumas palavras de explicação.

Foi conhecida desde tempos remotos, a madeira vermelha, empregada na tinturaria, de uma grande arvore espalhada pelo Oriente—na India, Indo-China e archipelago—a *Caesalpinia Sappan* L. Pelo nome arabe de *bok-kam* a menciona Maçudi no x seculo, e depois outros viajantes da mesma nação. Na Europa tinha o nome de *brazil*, que geralmente se julga derivado da sua côr rubra, semelhante á das *brazas*. Este nome *brefill*, *brafilly* e ainda com outras orthographias, era conhecido na Italia no anno de 1193, e na Hespanha no de 1221, como consta de varios documentos, publicados por Muratori e Capmany, e citados por Humboldt. Marco Polo na relação franceza da sua viagem,—que parece ser a primitiva—dá-lhe o mesmo nome de *brésil*. Os italianos usaram da mesma designação na fórma *verzino*, que se encontra, por exemplo, no livro commercial de Pegolotti, do anno de 1340 proximamente. E nós temos uma menção da madeira em um livro portuguez, anterior ao descobrimento de Pedro Alvares Cabral: de feito no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* se diz, que em Tenacar—provavelmente Tenacerim—ha «muito bom brafyll, o qual faz «muito fino vermelho.» Por onde se vê que este nome foi bem conhecido dos nossos navegadores antes de se descobrir a região, a que depois se applicou.

Quando os viajantes europeos aportaram ás praias do Novo Mundo, observaram especies novas de *Caesalpinia*, cuja madeira tomaram pelo *brazil*, seu conhecido. Anghiera, nas *Oceanicas*—citadas por Humboldt—conta que Colombo encontrou em Haiti grandes florestas das arvores que, *mercatori Itali verzinum*, *Hispani brafilum appellanti*.

Nas terras descobertas por Pedro Alvares Cabral, no anno de 1500, e por elle chamadas de Sancta Cruz, havia muito *brafil*. Os indigenas davam á arvore o nome de *ibirapitanga*, como refere Marcgravio, mas os por-

tuguezes conservaram-lhe a antiga e bem conhecida designação. A mercadoria do Oriente, continuou por algum tempo a ser conhecida, e Garcia de Orta, dá-lhe o velho nome de *brasil*, e distingue-a bem do *sandalo vermelho*,—mais correctamente mesmo do que suppoz Humboldt. Pouco a pouco porém foi perdendo o seu nome, passando a ser conhecida pela designação malaya de *sappan*, que hoje tem no commercio.

A nova mercadoria americana, não só conservou o nome que havia usurpado, mas deu-o á região d'onde agora vinha, que começou a ser chamada *terra do brasil*, ou simplesmente *Brazil*.

Esta etymologia é conhecida, acceita por todos, e expressamente affirmada por Barros onde diz, que o demonio «tanto que d'aquella terra começou de uir o páo «vermelho chamado Brazil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Sancta Cruz, como que importava mais o nome de um páo «que tinge pannos, que o d'aquelle páo, que deu tintura «a todos os Sacramentos per que fomos salvos.

Sem a contestar por modo algum, ha um reparo a fazer. Em varios mappas da idade média, como no *Portulano medicão*, e na *Carta* de Andrea Bianco, figuram no Atlantico, ilhas fabulosas ou reaes, a uma das quaes se dá o nome de *Bracia* e *Brazil*; e que já se pretendeu identificar com a Terceira. Será uma simples coincidencia, ou terá este nome alguma relação com o da madeira vermelha, ou com o da vasta região que depois se descobriu para aquelles lados? É o que me não parece bem averiguado, mas em todo o caso não vem ao nosso proposito.

Deixemos apenas mencionado, que Camões conhecia o *páo vermelho*, e, com a sua habitual correcção, o localisa nas terras de Sancta Cruz ¹.

¹ Cf.—Maçudi, *Prairies*, I, 338.—Yule, *Marco Polo*, II, 153.—

Rumphius, *Herb. Amb.*, iv, 56.—Georg. Marcgravii, *Hist. rerum nat. Brasiliae*, 101, ed. de 1640.—G. de Orta, *Colloquios*, 186.—Barros, 1 *Decada*, v, 2.—Gaspar Correia, *Lendas*, 1, 151.—Humboldt, *Hist. de la Géogr. du nouveau Continent*, II, 214 e seguintes. Em quanto á citação de G. de Orta que aqui se encontra, é de notar, que o fabio naturalista, como quasi todos os escriptores estrangeiros, parece não conhecer a rara edição de Goa dos *Colloquios*, e unicamente a versão latina, ou antes arranjo—e bastante incompleto—de Charles de l'Écluse. Vem a proposito indicar, que me servi n'este trabalho da edição de Varnhagen, tendo o cuidado de a confrontar, em algumas passagens importantes, com a de Goa de 1563, que possui a Bibliotheca Nacional.

Podemos afoitamente affirmar, depois d'este exame, que o grande Poeta tinha sobre os vegetaes do Oriente noções, que—para o seu tempo—eram, não só bastante extensas, como admiravelmente rigorosas.

Não se demora em descripções longas; um epitheto, uma phrase curta, raras vezes mais de um verso, é tudo quanto encontramos relativamente a cada producto vegetal. Mas esse epitheto, ou essa phrase mostram um conhecimento seguro da natureza da substancia: a pimenta e o cravo são *ardentes*, o aloes é *amaro*: o lenho de aloes é simplesmente o *páo cheiroso*; mas o sandalo usado como perfume, e tambem como medicamento é *salutifero e cheiroso*: o benjuin que exfuda dos troncos n'um estado pastoso, quasi fluido, é o *cheiroso licor*, que o tronco *chora*; mas á camphora que promptamente se solidifica em pequenas gottas semi-crySTALLINAS, chama-lhe as *lagrimas*, no *licor coalhado e enxuto*: a canella é a *cortiça calida cheirosa*. Sem nos demorar-mos a examinar a belleza litteraria das expressões, sobrias e energicas, ou a feliz escolha dos termos, devemos no entanto notar o seu rigor, verdadeiramente scientifico. Não ha um sa-

crifício á medida ou á rima, não ha um epitheto vago; o escriptor fabe sempre conciliar as exigencias da fórma poetica, com a nitidez correctã de uma *diagnose*.

A *geographia botanica* do poema, é tambem, como claramente se deduz do exame feito nas paginas precedentes, de uma exactidão furprehendente. As patrias das plantas são designadas com um conhecimento seguro, e um escrupulo admiravel: o *aloes* é de Socotorá, o *incenso* de Dofar, a *canella* de Ceylão, a *camphora* de Bornéo, a *noz* de Banda, o *cravo* de Maluco, e o *lenho aloes* de Champá. Tudo isto é rigorosamente verdadeiro: estas localidades produziã exclusivamente aquellas substancias, ou creavam as melhores qualidades, ou tinham no Oriente especial fama e nomeada pela sua producção.

Se agora considerarmos a sciencia portugueza, de que nos *Lusiadas* encontramos como o ecco poetico; e a considerarmos no campo restricto em que nos temos encerrado, do conhecimento das fórmas vegetaes, ser-nos-ha facil reconhecer que constitua um notavel progresso, relativamente ás épocas anteriores.

No que diz respeito aos ricos productos orientaes, de que Camões principalmente se occupou, vimos que pela maior parte haviam sido conhecidos desde tempos remotos. De feito os portuguezes não descobriram as regiões do extremo Oriente, e unicamente um facil caminho para lá. Não se trata aqui de terras novas, reveladas pela primeira vez á Europa, como no littoral africano que vae do cabo Bojador ao das Correntes, nas praias de Sancta Cruz, ou nas Antilhas, descobertas pelos hespanhoes. O mundo antigo teve conhecimento da India, da China, e dos grandes archipelagos orientaes. Se porém por mundo antigo entendermos, unicamente as civilizações que se agruparam em volta da bacia Mediterraica, que se conheceram e penetraram mutuamente,

e de cujo trabalho intellectual nasceram as sociedades e a sciencia moderna, vemos que esse conhecimento foi muito imperfeito. As litteraturas como as sciencias proprias ao extremo Oriente,—a da China, e mesmo a da India—não as podemos considerar aqui, pois permaneceram isoladas, e não tomaram directamente parte n'este movimento de idéas que constitue a historia da sciencia. Só recentemente se reconheceram os estreitos laços que uniam os povos da India aos da Europa. Os antigos nem os suspeitaram. Os chamitas do Egypto, e os semitas da Palestina influíram mais poderosamente na marcha da civilização européa do que os hindus, apesar das afinidades de raça e da lingua.

Entre esse mundo antigo, de que a sciencia moderna deriva, e o Oriente, não houve pois contacto intimo, e unicamente relações indirectas e muitas vezes interrompidas, taes como podiam provir de longinquas expedições guerreiras, de um commercio hesitante, de uma navegação na infancia, e do estado de barbarie de algumas regiões intermedias. Estes conhecimentos imperfeitos revelam-se nos livros. As noções sobre productos vegetaes do Oriente que encontramos no tratado de Theophrasto, contemporaneo de Alexandre, como as que depois nos deparam as obras dos escriptores da escola de Alexandria, e as dos romanos, são confusas, incompletas, e não poucas vezes absolutamente contrarias á verdade dos factos.

No longo periodo da idade média, apesar das temerosas invasões dos povos barbaros, das guerras de extermínio, e das incessantes agitações de toda a natureza que perturbam a Europa, não só se conservam as noções adquiridas pelos antigos, como se completam e rectificam em muitos pontos.

Duas poderosas correntes contribuem para dar este resultado. A primeira e sem duvida a mais efficaz, é

a singular expansão da raça arabe, que tem lugar depois do vi século. Os sectarios do Islam estendem-se como conquistadores ou commerciantes do extremo occidental da Europa aos mares da China. Desenvolvem ao mesmo tempo o movimento scientifico, encetado na Persia pelos nestorianos, e fundam em Bagdad e em Cordova escolas celebradas. Quasi todas as noções adquiridas pela Europa na primeira parte da idade média, sobre a geographia e as produções do Oriente, lhe são transmitidas pelos arabes.

A segunda corrente vem um pouco mais tarde, e exerce menor influencia no desenvolvimento da sciencia. Refiro-me á penetração dos missionarios catholicos no Oriente, que tem lugar sobretudo durante a dominação dos tartaros, e á sombra da singular tolerancia religiosa de potentados semi-barbaros. Muitos frades, principalmente minoritas, percorrem então a Asia central e meridional, dando nas suas narrativas rudes, mas em geral perfeitamente veridicas, curiosas noticias d'aquellas mal conhecidas terras.

Ao examinarmos hoje os preciosos documentos que nos legou a idade média, nos escriptos dos arabes, nos dos missionarios, e nos de alguns celebres viajantes italianos, seriamos levados naturalmente a exagerar a importancia das informações que, sobre o Oriente, possuia então a Europa. Mas a verdade é que nós temos hoje mais completá noticia d'aquelles documentos, do que nunca tiveram os contemporaneos. Tem-se notado, com razão, que nos periodos anteriores á invenção da imprensa, a sciencia estava em um estado de singular flutuação. Nos nossos dias as noções uma vez adquiridas, encorporadas em obras de larga publicidade, ficam definitivamente fixadas. Então a publicidade era limitada, os manuscriptos eram raros, perdiam-se nos archivos, d'onde se exhumavam passados annos, ou passados séculos,

quando não haviam sido irremediavelmente destruídos. D'aqui resultavam periodos de immobildade, e por vezes de verdadeiro retrocesso. Os escriptores manifestavam frequentemente uma singular ignorancia das obras dos seus contemporaneos ou predecessores. Esta fluctuação, e esta ignorancia, deram-se de modo notavel, durante a idade média.

Entre os livros arabes, alguns como o *Canon* de Ibn Sina—o celebre Avicenna—ou as obras de Serapio, transladados para latim, foram muito estudados na Europa, e considerados como os oraculos das escolas; porém outros, como as *Relações da India e da China*, os curiosos *Prados de oiro*, as instructivas viagens de Ibn Batuta, e muitos mais, só foram vertidos dos codices arabes pelos orientalistas modernos, e por tanto permaneceram ignorados ou mal conhecidos nos tempos a que nos referimos.

O mesmo succedeu, e ainda de modo mais pronunciado, com os escriptos dos frades. Quando hoje lemos os livros em que notaveis homens de sciencia —á testa dos quaes é justo collocar o doutissimo coronel H. Yule—reuniram, explanaram e criticaram os *Mirabilia* de Jordanus, o *Chronicon Boëmorum* de Marignolli, a *Descriptio* de fr. Odorico ou outras obras antes dispersas, temos uma illusão singular. A sciencia do commentador como que se funde, com as noções imperfeitas dos singelos frades. Essas narrativas incorrectas e confusas reunidas em corpo de doutrina, completando-se mutuamente, e illuminadas á luz de notas eruditissimas tomam uma importancia que de feito não tiveram. Quando porém andavam pelas mãos de leitores ignorantes, se não jaziam ignoradas em archivós de conventos, pouco podiam influir para adiantar os conhecimentos humanos.

É certo que as obras dos arabes, dos missionarios e dos viajantes—entre os quaes brilha na primeira plana,

Marco Polo—influiram na redacção de alguns tratados geraes, e no trabalho dos cartographos, porém menos directamente do que seria licito suppor. Não amesquinhando estes documentos, sem duvida de grande importancia, devemos todavia notar que davam fobre o Oriente umas noticias, incompletas, nebulosas e fragmentarias.

É n'este periodo que interveem as viagens portuguezas, e a redacção dos livros portuguezes. Aos clarões succede a luz. Os *roteiros*, as *lendas* ficam infelizmente ineditos, mas publicam-se os livros de Barbosa, de Barros, de Orta, de Couto e de outros. A celebre compilação de Ramusio, compõe-se pela maior parte de versões do portuguez. Um dos mais notaveis livros scientificos da época, o *Exoticorum libri decem* de Clusio, é egualmente formado em parte de materiaes portuguezes; do livro de Orta, do de Costa, a que se junta a notavel obra do hespanhol Monardes. As viagens portuguezas influem na sciencia, não só pela grande copia de observações novas que permitem fazer, como pela confirmação ou rectificação das que se haviam já feito, e pela ligação das que andavam dispersas. É um trabalho de generalisação e de publicidade. Para lhe dar esta feição concorrem a invenção da imprensa, e os caracteres da lingua portugueza, culta e energica, que então attinge um grau elevado de perfeição.

Perfeição patenteiada na prosa limpida e fluente de João de Barros, e affirmada nas maravilhosas estancias de Luiz de Camões.

FIM

INDICE

DAS PLANTAS CITADAS, E ÀS QUAES ALLUDE CAMÕES
DIRECTA OU INDIRECTAMENTE

	CANT.	EST.	PAG.
<i>Adonis autumnalis</i> L.....	IX,	60	42
<i>Algæ</i> (sp. ?).....	V,	79	53
<i>Aloë Socotrina</i> Lam.....	X,	137	89
<i>Antiaris toxicaria</i> Lefsch.....	X,	44	55
<i>Aquilaria Agallocha</i> Roxb.....	X,	129	70
<i>Balfamodendron Myrrha</i> Nees von Es.....	X,	135	84
<i>Borassus Aethiopum</i> Mart.....	I,	46	51
<i>Boswellia</i> sp.....	X,	101	60
<i>Caesalpinia</i> sp.....	X,	140	91
<i>Caryophyllus aromaticus</i> L.....	X,	132	73
<i>Cerafus avium</i> L.....	IX,	58	40
<i>Cinnamomum Zeylanicum</i> Breyne.....	X,	51	56
<i>Citrus Aurantium</i> L.....	IX,	56	40
<i>Citrus Limonum</i> Risso.....	IX,	56	40
<i>Citrus medica</i> Galleffio.....	IX,	56	40
<i>Cupressus sempervirens</i> L.....	IX,	57	42
<i>Driobalanops aromatica</i> Gäertner.....	X,	133	78
<i>Gladiolus segetum</i> Gawl.....	IX,	62	43
<i>Gnaphalium sanguineum</i> L.....	III,	97	24
<i>Gossypium herbaceum</i> L.....	V,	76	53
<i>Hedera Helix</i> L.....	II,	36	26
<i>Indigofera tinctoria</i> L.....	V,	76	53
<i>Iris subbiflora</i> Brotero.....	II,	37	26, 42
<i>Jasminum fruticans</i> L.....	X,	1	43

	CANT.	EST.	PAG.
Laurus nobilis L.....	IX,	57	24, 41
Lilium candidum, L.....	IX,	62	42
Lodoicea feychellarum Labill.....	X,	136	86
Morus nigra L.....	IX,	58	41
Matthiola incana R. Br.	IX,	61	42
Myristica fragrans Houttuyn.	X,	133	76
Myrtus communis L.....	IX,	57	41
Narcissus Tazetta L.....	IX,	60	42
Olea europæa L.....	VI,	13	27
Origanum Majorana L.....	IX,	62	43
Perfica vulgaris Mill.....	IX,	58	41
Phoenix dactylifera L.....	X,	42	23
Pinus Pinea L.....	IX,	57	42
Piper Betle L.....	VII,	58	69
Piper nigrum, L.....	IX,	14	66
Piper officinarum C. DC.....	X,	123	66
Populus alba L.....	IX,	57	26, 41
Punica Granatum L.....	IX,	59	41
Pyrus communis L.....	IX,	59	41
Quercus robur L.....	X,	34	25
Rosa centifolia L.....	II,	41	25
Santalum album L.....	X,	134	80
Strophanthus Peterfianus Klotzsch.....	I,	86	54
Strychnos Tieuté Lefsch.....	X,	44	55
Styrax Benzoin Dryander.....	X,	135	82
Triticum vulgare Vill.....	IX,	27	26, 29
Ulmus campestris L.....	IX,	59	41
Vitis vinifera L.....	IX,	59	29, 41

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pag. 14, linha 30—onde se lê—fonte —leia-se—fonte
» 55, » 13 — » —Antiaras — » —Antiaris
» 59, » 26 — » —560 — » —56, v.
» 59, » 29 — » —infenfo — » —incenfo

m

